ATLAS DO PARQUE NATURAL DE SINTRA - CASCAIS

Sinta a Natureza



Luís Baltazar
Carlos Martins

PARQUE NATURAL DE SINTRA-CASCAIS

estoril
Um lugar. Mil sensações.

ATLAS DO PARQUE NATURAL DE SINTRA - CASCAIS

Autores

Luís Baltazar
Carlos Martins

Adaptação

Manuela Marcelino

estoril
Um lugar. Mil sensações.

Ficha Técnica

Texto Base e Mapas :
Luís Baltazar e Carlos Martins

Adaptação do Texto:
Manuela Marcelino

Coordenação do Trabalho :
Professora Doutora Maria Helena Dias
(Universidade de Lisboa)

Coordenação da Edição :
Manuela Marcelino

Revisão Técnica :
PNSC

Fotografias :
Eduardo Gameiro, Helena Luís, João Luís Dória,
José Manuel Laranjo, José Romão, José Ventura,
Junta de Turismo da Costa do Estoril, Manuela Marcelino,
Nuno Alves e Rui Cunha.

Ilustrações :
Alfredo da Conceição, Fernando Correia, Marco Correia,
Marcos Oliveira, Nuno Farinha, Pedro Salgado.

Design Gráfico :
Carlos Paixão

Construção Digital e Assistente de Produção:
Domingos Leal do Paço

Edição :
Junta de Turismo da Costa do Estoril
Parque Natural de Sintra-Cascais

Tiragem :
1.000 exemplares

Pré-Impressão, Impressão e Acabamento :
Ondagrafe,Lda.

Depósito Legal :
Nº : 000000
ISBN : 972-775-154-7

1ª Edição :
2005

Apresentação

A Escola e a Vida são duas fontes de saber que moldam uma futura carreira profissional, como será o caso dos alunos do curso de Geografia, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Ciente do que representa a aposta nas futuras gerações de técnicos qualificados, o Parque Natural de Sintra-Cascais (a Vida) apoia todos os alunos que procuram os seus serviços, nos diferentes cursos (a Escola) que abrangem matérias relacionadas com o Ambiente. É quase uma aposta de serviço público, uma aposta na criação de uma classe técnica nacional, podendo o Parque Natural obter algum retorno, a curto-prazo, com os trabalhos desenvolvidos pelos formandos.

Se é assim o caso geral, não o é para este trabalho de Seminário de fim de curso.

A ideia apresentada ao Parque Natural, o desafio por nós lançado a estes alunos e os resultados que se vislumbram assemelham-se a uma parceria de elevado nível, e em que o produto final, podendo (desejavelmente) vir a constituir uma boa marca curricular para os autores, é claramente a materialização de um dos objectivos que o PNSC tem para 2004: a produção de um Atlas do Parque Natural.

E o Atlas tem alguns aspectos que justificam estas referências que se fazem, congregando:

- o rigor e dedicação de um trabalho de fim de curso,
- a supervisão dos seus orientadores académicos,
- a utilização de informação real que é usada no dia-a-dia da gestão desta Área Protegida,
- o contributo pessoal dos alunos seus autores, um especialista em SIG do Instituto do Ambiente, e um responsável da Protecção Civil de Cascais, também profundo conhecedor deste território.

Desta forma, por uma acertada escolha do tema de dois finalistas de Geografia - Cartografia e Sistemas de Informação Geográfica, o Parque Natural de Sintra-Cascais e a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa podem orgulhar-se de apresentar um completo e acessível Atlas do PNSC, uma ponte entre a Escola e a Vida.

Onde fica essa ponte? Procurem nos nossos mapas…

24/06/2004
Carlos Albuquerque

Agradecimentos

Ao Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por nos ter dado a oportunidade de realizar este trabalho integrado na cadeira de Seminário do Curso de Geografia variante Cartografia e SIG.

Ao Parque Natural Sintra Cascais todo o apoio e abertura que demonstrou desde o dia em que lhe apresentámos o projecto, nomeadamente na disponibilização de dados.

À Professora Doutora Maria Helena Dias, cujo acompanhamento e apoio se mostrou estimulante e largamente enriquecedor desde a primeira hora em que lhe propusemos realizar este Atlas, bem como toda a orientação técnica e científica que nos transmitiu permitindo assim aumentar a qualidade do trabalho.

Ao Dr. Carlos Albuquerque (Director do Parque Natural Sintra - Cascais), toda a sua simpatia, apoio, encorajamento e disponibilidade pessoal, para a concretização deste trabalho.

Aos Professores Doutores, José Luís Zezere e Carlos Neto o nosso mais sincero apreço pela disponibilidade e auxilio no tratamento dos diversos temas em que são especialistas.

À Maria Teresa Soares, pela disponibilidade e qualidade dos trabalhos de tradução.

Às nossas familias, sem o apoio e incentivo que nos transmitiram, este projecto nunca seria possível.

Aos nossos colegas de trabalho, pelo apoio que nos transmitiram e pelas sujestões sempre preciosas.

O nosso reconhecimento aos colegas de curso que de alguma forma nos ajudaram ao longo deste trabalho.

Índice

Introdução	9
Áreas Protegidas	10
Enquadramento	12
Hipsometria	14
Clima	16
Litologia	18
Geomorfologia	20
Tipos de Solo	22
Uso do Solo	24
Habitats Naturais	26
Fauna	28
Flora	31
Paisagem	34
População	36
Património Cultural	40
Turismo	44
O PNSC Visto do Céu	47
Referências Bibliográficas	61







Introdução

O Atlas do Parque Natural de Sintra - Cascais (PNSC) é constituído por uma série de temas, desde os físicos e ambientais aos de carácter humano.

Pretendeu-se que este trabalho tivesse uma aplicação prática, nomeadamente no âmbito da educação e sensibilização ambiental. Destina-se ao público em geral, pelo que se procurou que fosse acessível sob diversos pontos de vista, agradável e atractivo sem que se tenha descurado o rigor científico.

Este Atlas é apresentado em diversos suportes, nomeadamente em papel, em CD-ROM e na Internet, que deverão ser complementares entre si, pois devido às suas características permitem abordagens diferentes para apresentação e disponibilização da informação.

Foi construído um Sistema de Informação Geográfica, baseado em software ESRI, que foi a peça fundamental do projecto, aplicável nomeadamente:

- Na gestão, organização, integração, armazenamento, manipulação e visualização da informação;
- Para a produção de informação derivada;
- Para a produção dos mapas finais;
- Para a disponibilização da informação em CD-ROM e na Internet.

Áreas Protegidas

O Instituto de Conservação da Natureza (ICN) é o organismo responsável pelas actividades nacionais nos domínios da conservação da natureza e gestão das áreas protegidas, responsabilidade que actualmente divide com as autarquias.



Parque Nacional da Peneda-Gerês

Estas áreas, guardam muito do que de mais interessante existe nos domínios da geologia, da flora e da fauna, alguns dos cenários mais atraentes e modos de fazer e de estar característicos, representando um património ecologicamente inestimável e culturalmente valioso que concorre para definir a nossa paisagem.
Particularidades que justificam uma gestão equilibrada, a qual deverá ter por objectivo primordial um desenvolvimento sustentável que permita a preservação dos valores intrínsecos.
As áreas protegidas portuguesas são classificadas da seguinte forma, de acordo com o Decreto-Lei nº 19/93 de 23 de Janeiro:

- Parque Nacional. Área com ecossistemas inalterados ou pouco alterados pela intervenção humana, integrando amostras representativas de paisagens naturais e humanizadas, de espécies locais, características geomorfológicas ou de habitats de espécies com interesse ecológico, científico e educacional.

- Parque Natural. Área com paisagens naturais, seminaturais e humanizadas de interesse nacional, exemplo da integração harmoniosa da actividade humana e da natureza, apresentando amostras de um bioma ou região natural.

- Reserva Natural. Área destinada à protecção de habitats da flora e da fauna selvagens.

- Paisagem Protegida. Área de paisagens naturais, seminaturais e humanizadas, de interesse regional ou local, resultantes da interacção harmoniosa do Homem e da Natureza, evidenciando grande valor estético ou natural.

- Monumento natural. Ocorrência natural contendo um ou mais aspectos que, pela sua singularidade, raridade ou representatividade em termos ecológicos, estéticos, científicos e culturais, exigem a sua conservação e a manutenção da sua integridade.

As Áreas de Paisagem Protegida criadas em data anterior ao Decreto-Lei nº 19/93 de 23 de Janeiro têm interesse a nível nacional e devem ser reclassificadas.

- Sítio Classificado. Pequena área que, pelo seu interesses biológico, científico, estético e cultural, merece a conservação e manutenção da sua integridade.



Parque Natural da Ria Formosa

Categoria instituída pelo Decreto-Lei nº613/76 de 27 de Julho. Os sítios estão em fase de reclassificação.
Muitas são as potencialidades destes espaços privilegiados, destacando-se o turismo de natureza, no espaço rural, os produtos tradicionais, os desportos de natureza, a gastronomia e a etnografia.
As Áreas Protegidas são insígnias da conservação da natureza e as preocupações que suscitam são, simultaneamente, motivo de reflexão e um incentivo à procura de novas soluções. Criar uma Área Protegida é apenas o princípio de uma longa história, que não deixará de reflectir a complexidade e as contradições em que este mundo é fértil, bem como o estreito relacionamento das coisas entre si, de cada um e de cada grupo com os demais.


10º W
8º
6º
42º N
40º
38º
Rio Minho
Viana do Castelo
Braga
Peneda - Gerês
Montesinho
Bragança
Litoral de Esposende
Alvão
Vila Real
Douro Internacional
Porto
Rio Douro
Rio Vouga
Dunas de S. Jacinto
Aveiro
Viseu
Guarda
Rio Mondego
Serra de Estrela
Coimbra
Paul de Arzila
Serra do Açor
Serra da Malcata
Leiria
Castelo Branco
Tejo Internacional
Serras de Aires e Candeeiros
Berlenga
Serra de S. Mamede
Paul do Boquilobo
Santarém
Portalegre
Rio Tejo
Sintra / Cascais
Estuário do Tejo
Lisboa
Évora
Arriba Fóssil da Costa da Caparica
Setúbal
Estuário do Sado
Arrábida
Rio Sado
Lagoas de St.º André e da Sancha
Beja
Guadiana
Rio Mira
Rio Guadiana
Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina
Sapal de Castro Marim e V. R. de St.º António
Faro
Ria Formosa
Parque nacional
Parque natural
Reserva natural
Área de paisagem protegida
Sítio classificado
Rio
Albufeira
Capital de distrito
0
50 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa

Enquadramento

Criada a 15 de Outubro de 1981, a Área de Paisagem Protegida de Sintra - Cascais surgiu da necessidade de fazer frente às crescentes e intensas pressões turística e urbana que ameaçavam uma área de grande sensibilidade e repleta de valores naturais, culturais e estéticos a preservar, como a Serra de Sintra, a faixa litoral e as áreas adjacentes.

A intenção de salvaguardar este importante património remonta ao início do século XX, como atestam diplomas publicados por organismos governamentais.

Atendendo à importância dos espaços naturais e das paisagens desta área, revelou-se necessário um reforço da protecção legal, justificando-se assim a passagem a Parque Natural a 11 de Março de 1994, o que permitiu a elaboração e aplicação de instrumentos legais reguladores mais exigentes. Nessa mesma data foi aprovado o primeiro Plano de Ordenamento.

Em Janeiro de 2004 é aprovado novo Plano de Ordenamento, que revoga o anterior. As alterações introduzidas justificam-se pela evolução do conhecimento sobre os fenómenos naturais e as transformações socio-económicas verificadas, bem como uma nova visão decorrente de normas e directrizes resultantes da designação de Sintra como Património Mundial da Humanidade ou a inclusão na Rede Natura 2000 e a aprovação dos Planos Directores de Cascais e de Sintra.



Palácio da Pena

O Parque Natural de Sintra-Cascais (PNSC), situa-se no distrito de Lisboa, abrangendo parcialmente as freguesias de Alcabideche e Cascais, do concelho de Cascais e as freguesias de Colares, Santa Maria e São Miguel, São João das Lampas, São Martinho e São Pedro de Penaferrim, do concelho de Sintra. Ocupa uma área aproximada de 14 450 hectares, cujos limites são a linha de costa entre a foz do Rio Falcão, a norte, e a Cidadela de Cascais, a sul; estradas, caminhos e outros elementos bem definidos delimitam claramente o restante território protegido.

São orgãos do PNSC a Comissão Directiva, constituída por um presidente e dois vogais, um dos quais nomeado pelas autarquias abrangidas pelo PNSC, e o Conselho Consultivo, constituído por representantes de diversas entidades públicas, de organismos de investigação científica, das Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia, bem como pela sociedade civil através das associações de defesa do ambiente.

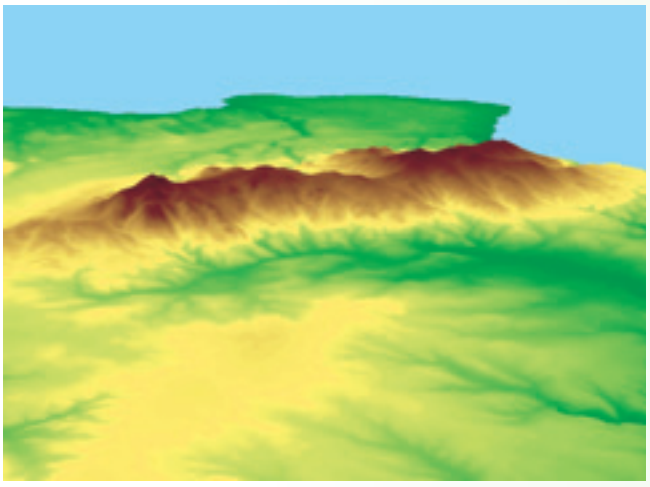
Os valores em presença, bem como a proximidade de Lisboa, que potencia as pressões exercidas pelas actividades humanas, leva a que esta área protegida, talvez mais que qualquer outra, seja alvo das atenções mediáticas, transportando-a para uma posição de destaque, que nem sempre lhe é favorável.



Pedra da Ursa


9º 30' W
9º 20'
38º 55' N
38º 45'
Parque natural
Curva de nível
Linha de água
Sede de concelho
Sede de freguesia
Lugar
Ponto de interesse
Via rápida
Estrada
Comboio
Eléctrico
SINTRA
Estoril
Fontainhas
Monserrate
S. Julião
Vigia
Samarra
Magoito
Aguda
Praia Pequena
Praia Grande
Adraga
Ursa
Cabo da Roca
Abano
Guincho
Cabo Raso
Seixal
Boco
Sr.ª Susana
Assafora
Carvalhal
Alvarinhos
Almorquim
Odrinhas
Faião
Cabrela
Montelavar
Godigana
Alcombral
Lameiras
Terrugem
Vila Verde
Granja do Marquês
S. João das Lampas
Magoito
Ameiro dos Marinheiros
Pernigem
Fontanelas
Gouveia
Azenhas do Mar
Praia das Maçãs
Janas
Várzea de Sintra
Cabriz
Nafarros
Ribeira de Sintra
Mucifal
Lourel
Sacotes
Portela de Sintra
Algueirão - Mem Martins
Colares
SINTRA
S. Pedro de Penaferrim
Almoçageme
Monserrate
Serra das Minas
Pena
Ranholas
SERRA DE SINTRA
Azóia
Monge
Peninha
Covas
Linhó
Abrunheira
Pedra Amarela
Lagoa Azul
Albarraque
Manique de Cima
Tabaqueira
Varge Mondar
Malveira da Serra
Zambujeiro
Manique
Trajouce
Murches
Charneca
Alcabideche
Alcoitão
Bicesse
Baimo 25 de Abril
Areia
Birre
Alvide
Tires
Fontainhas
Caparide
Alapraia
Parnpilheira
Monte Estoril
Estoril
S. Domingos de Rana
Marinha
CASCAIS
S. João do Estoril
S. Pedro do Estoril
Parede
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa

Hipsometria



Perspectiva de norte

A Serra de Sintra é a forma de relevo que se destaca na área do Parque Natural, elevando-se mais de 300 m em relação às plataformas litorais que domina. Com uma estrutura em domo de forma aproximadamente elíptica, alongada na direcção este-oeste, estende-se por uma área de 10 por 5 km aproximadamente.

Esta forma de relevo, que atinge os 528 m (na Cruz Alta), é o resultado da ascensão lenta e continuada de um maciço magmático, que teve o seu início há cerca de 82 milhões de anos.

A ascensão desse maciço aconteceu sob uma plataforma constituída por rochas sedimentares, fundamentalmente calcários e margas, formadas ao longo de 35 milhões de anos, fracturando-a e expondo-a aos agentes erosivos, que acabaram por lhe conferir o aspecto e a forma actual.

No flanco norte da Serra de Sintra, a plataforma de S. João das Lampas, com uma altitude entre os 100 e 150 m, é retalhada por pequenos cursos de água que abordam obliquamente a costa. A sul, a plataforma de Cascais, diferencia-se por ser relativamente mais baixa, descendo desde 150 m, junto à serra, até ao mar, onde termina por arribas baixas. Estas arribas, com 30 m junto a Cascais, acabam por desaparecer no Cabo Raso.

As duas plataformas têm uma origem complexa, mas tem-se por quase certo que foram talhadas pelo mar, pois existem indícios que o demonstram. Essa acção poderá ter acontecido há cerca de 2 milhões de anos, sendo que posteriormente as plataformas se elevaram, por acção de movimentos tectónicos, para a altitude a que se encontram hoje.

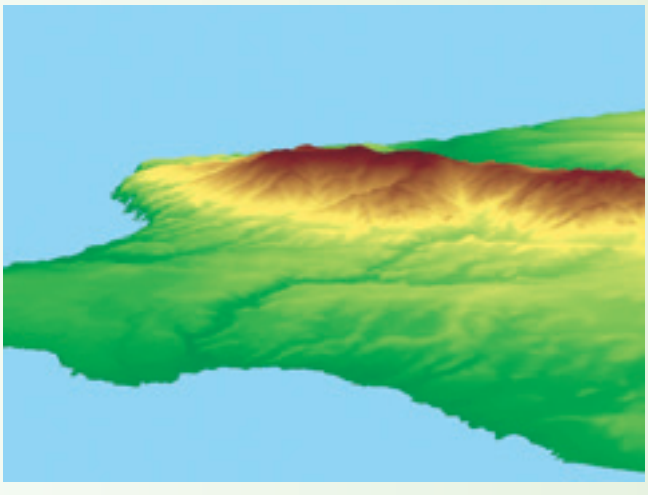
As duas plataformas têm altitudes diferentes. A explicação para esse facto poderá ser de que o levantamento não tenha acontecido ao mesmo tempo ou, sendo ele contemporâneo, a actividade tectónica que lhes deu origem terá sido mais intensa a norte da Serra. É também nesta parte que os vales são mais encaixados.

O vale da ribeira de Colares, que contorna a serra a norte, é a área mais deprimida do PNSC, drenando praticamente todas as linhas de água dessa vertente. Para sul, são várias as ribeiras que, tendo origem na serra, entalham mais suavemente a plataforma, destacando-se a ribeira das Vinhas.

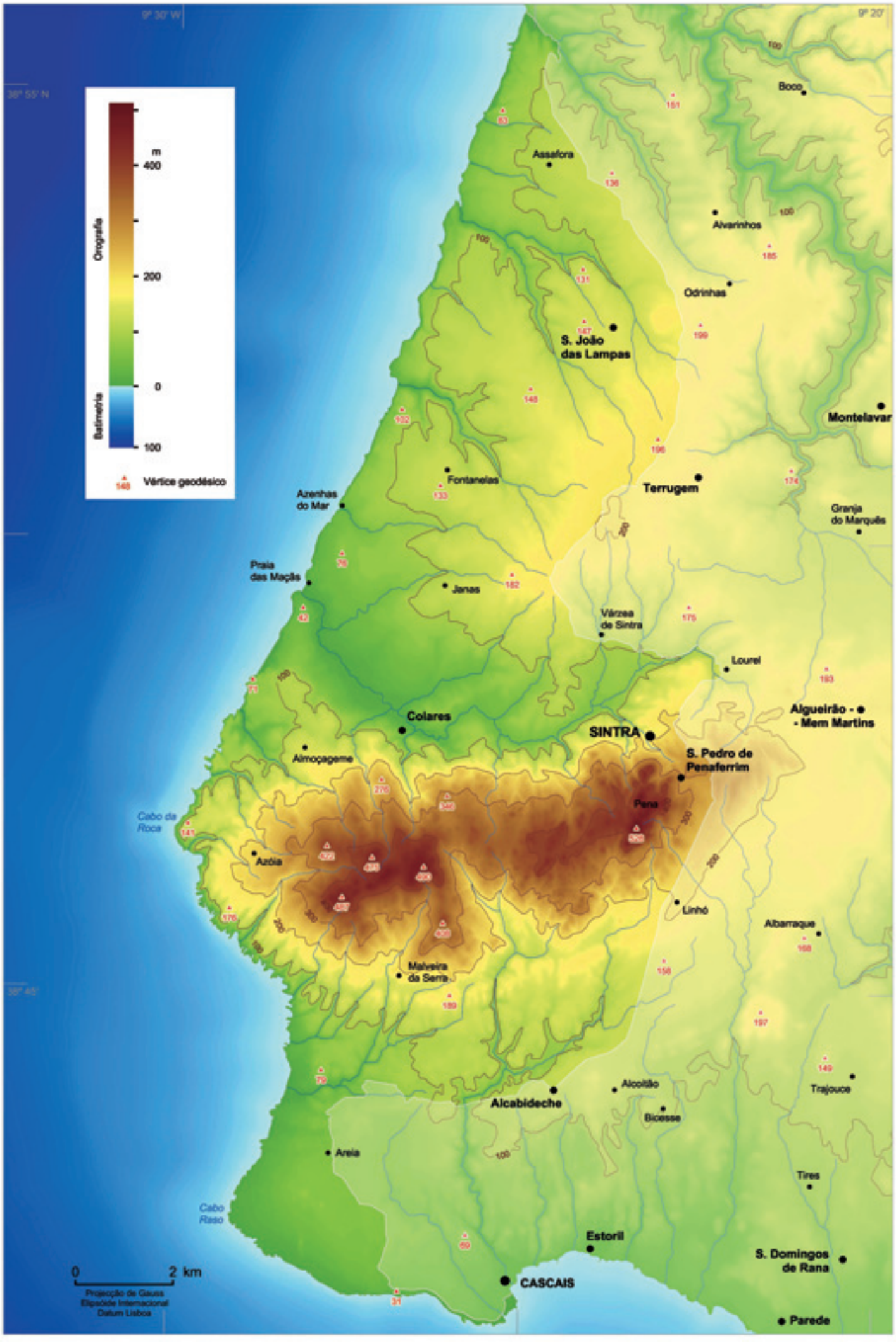
A rede hidrográfica da área serrana é bastante encaixada, com a particularidade de existirem alguns vales suspensos na arriba.

No litoral do PNSC predominam as arribas costeiras com desníveis que atingem os 140 m, no Cabo da Roca. Existem, no entanto, algumas praias, geralmente de pequena dimensão, associadas a recortes na arriba, provocados pelo entalhe dos principais cursos de água.

Na área submersa adjacente à costa não se encontram grandes profundidades: a batimétrica dos 30 m encontra-se a uma distância da costa que varia entre os 1500 m, na proximidade do Cabo da Roca, e os 2700 m, ao largo do extremo norte do Parque.



Perspectiva de sul


9° 30' W
9° 20'
38° 55' N
38° 45'
Orografia
Batimetria
m
400
200
0
100
Vértice geodésico
Boco
Assafora
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
Montelavar
Fontanelas
Terrugem
Azenhas do Mar
Granja do Marquês
Praia das Maçãs
Janas
Várzea de Sintra
Lourel
Colares
SINTRA
Algueirão - Mem Martins
S. Pedro de Penaferrim
Almoçageme
Pena
Cabo da Roca
Azóia
Linhó
Albarraque
Malveira da Serra
Alcabideche
Alcoitão
Trajouce
Bicesse
Areia
Tires
Cabo Raso
Estoril
S. Domingos de Rana
CASCAIS
Parede
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa

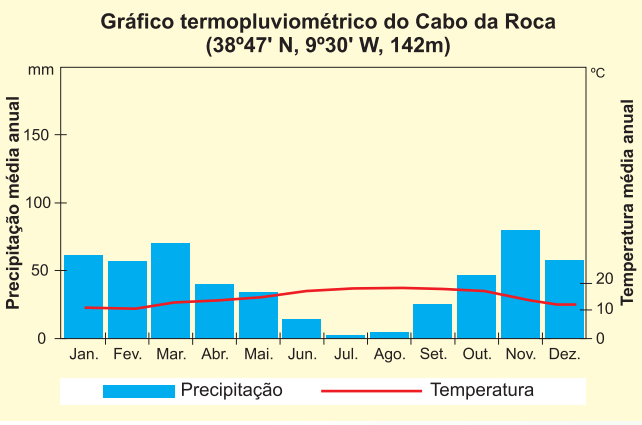
Clima

O clima num determinado lugar, região ou país é descrito pela acção conjunta de fenómenos meteorológicos durante um longo período de tempo. A sua caracterização faz-se através de parâmetros estatísticos que descrevem observações efectuadas em determinados pontos.

A temperatura é um dos elementos mais importantes na caracterização de um clima. Influencia directamente o desenvolvimento vegetativo, bem como os mecanismos fisiológicos das plantas e dos animais. Os seus valores extremos podem condicionar a possibilidade da vida animal e vegetal, tornando-se um dos principais factores da adaptação dos seres vivos ao meio e condicionando assim a dispersão das espécies à superfície terrestre.

A temperatura do ar à superfície é influenciada pela temperatura do solo, estando dependente das suas características físicas e químicas. Os factores que a condicionam são geralmente a radiação solar e o movimento de rotação da Terra, mas também outros factores como o relevo, a proximidade do mar e o regime de ventos.

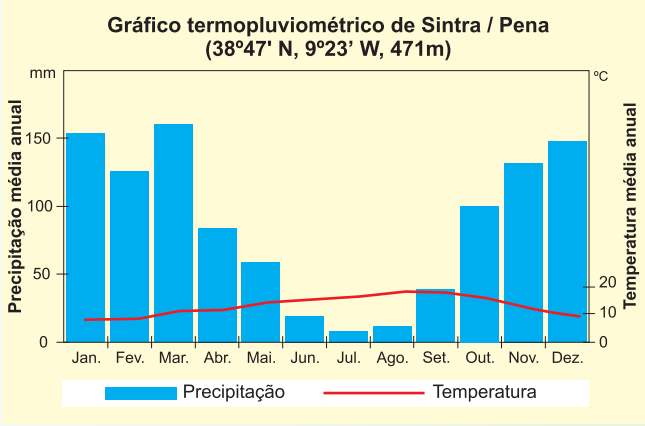
Na área do PNSC, as temperaturas mais amenas fazem-se sentir junto ao mar, devido essencialmente ao efeito atenuador deste sobre as temperaturas extremas. É na Serra de Sintra, devido à altitude, que se verificam as temperaturas mais baixas da região.



A precipitação* constitui um dos elementos mais importantes do clima, influenciando a vegetação, a produtividade do solo e a possibilidade de qualquer tipo de recreio ao ar livre.

Os valores de precipitação registados na Serra são mais elevados do que nas áreas circundantes, enquanto no litoral se verificam os valores mínimos, sobretudo na parte mais avançada do Cabo da Roca.

O fenómeno das "chuvas orográficas" pode explicar as diferenças registadas. Em termos gerais, como a precipitação aumenta com a altitude os ventos de NW carregados de humidade, são obrigados a elevar-se explicando assim as



diferenças que se observam na vegetação que cobre as vertentes norte e sul da Serra de Sintra.

Na área do PNSC, o vento faz-se sentir durante todo o ano. No Verão a sua incidência é predominantemente de norte e noroeste, enquanto no Inverno se verifica um maior equilíbrio nos rumos. As intensidades verificadas são mais elevadas junto ao oceano e nas terras altas.

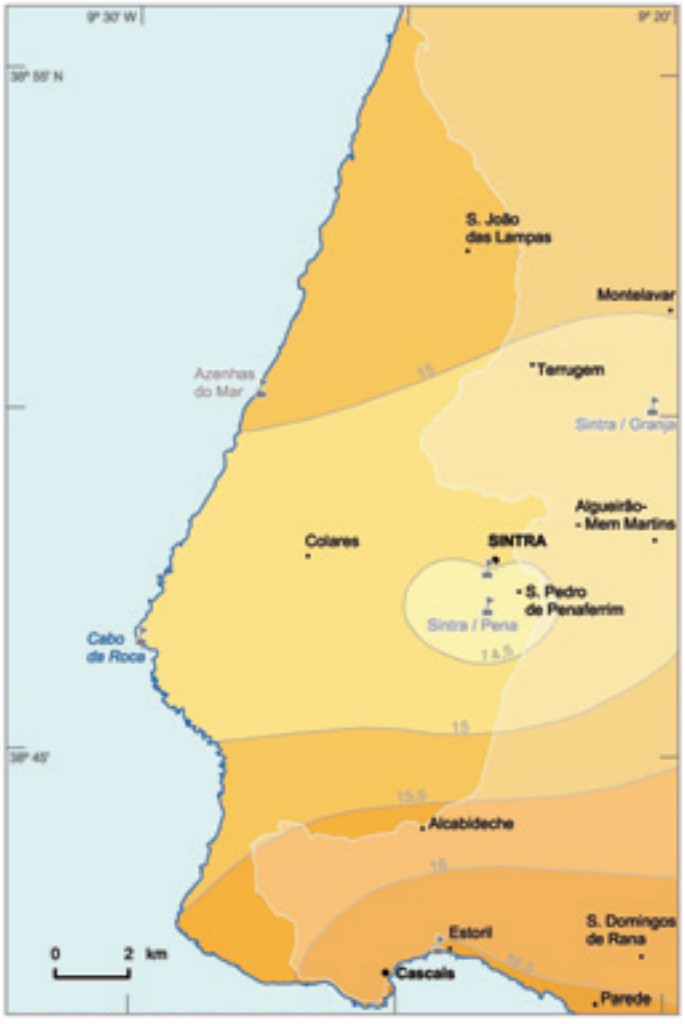
O vento produz determinados efeitos mecânicos e fisiológicos sobre a vegetação, que se manifestam pelas

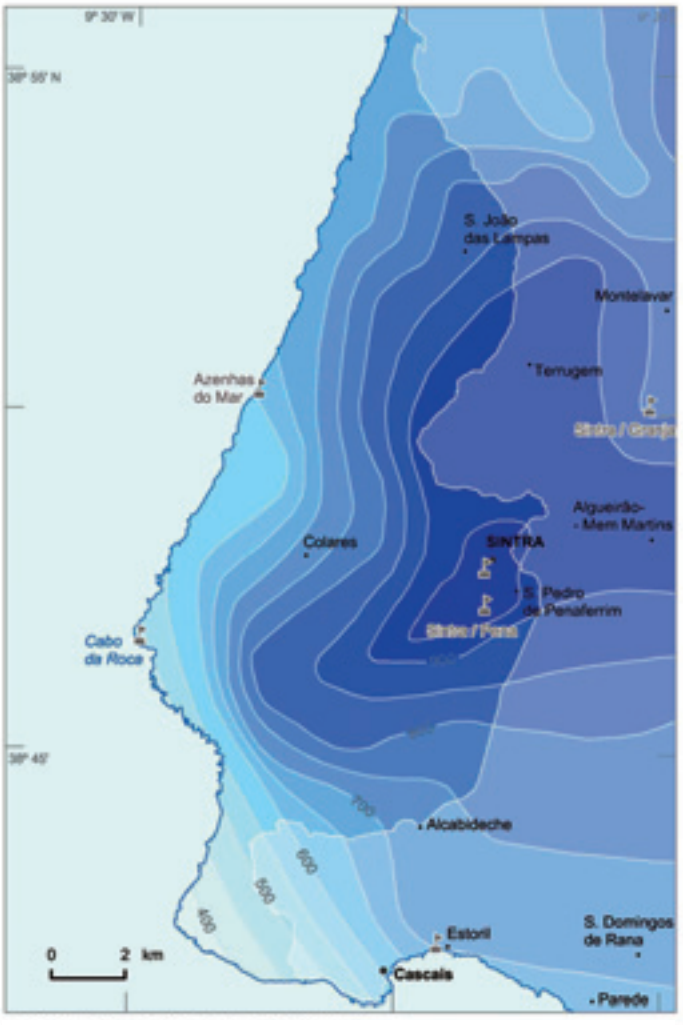


Efeito do vento, salsugem e areia na vegetação do Abano

alterações da sua forma, podendo levar à quebra de ramos e condicionar a área de disseminação de algumas espécies vegetais. Nas zonas litorais esse efeito é agravado devido à combinação com a salsugem e com areias em suspensão no ar.

*Precipitação define-se como a quantidade de água transferida da atmosfera para o solo, no estado líquido ou sólido, sob a forma de chuva, chuvisco, neve, granizo ou saraiva por unidade de área de uma superfície horizontal, durante um certo intervalo de tempo. Expressa-se em mm, em que 1mm=1 l/m².

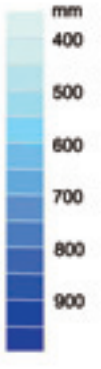




Temperatura média anual



Precipitação média anual



Vento dominante

Intensidade

- Fraco
- Fraco a moderado
- Moderado a forte
- Forte

Direcção

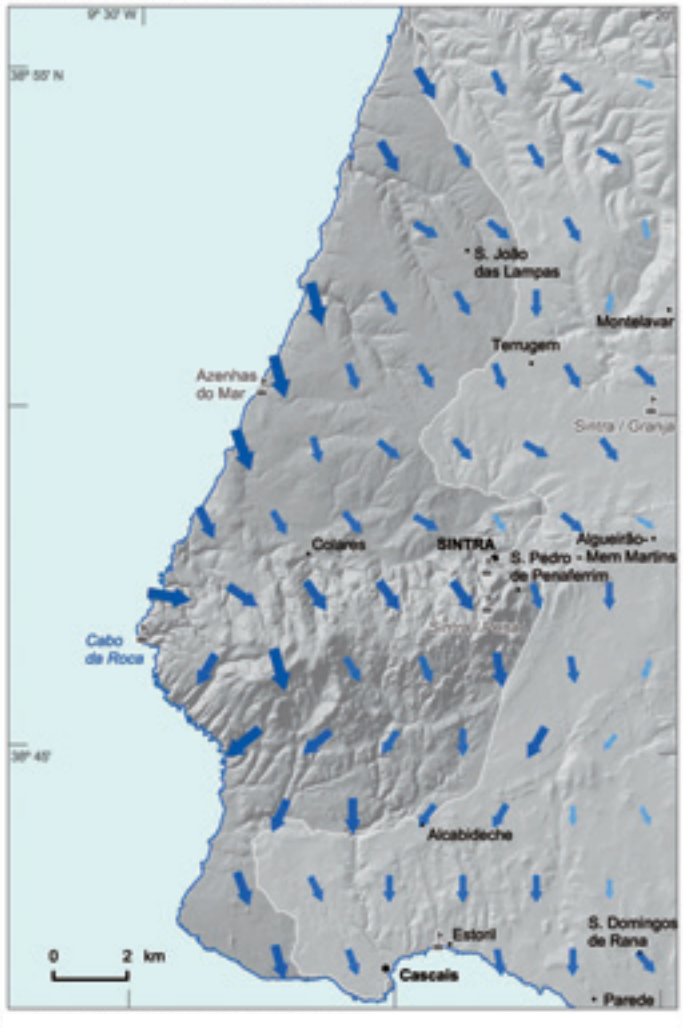


Estações climatológicas



Estação

Foram considerados os dados registados no período entre 1931 e 1960



Projecção de Gauss - Elipsóide Internacional - Datum Lisboa

Litologia

A diversidade litológica observável no Parque é, sob vários pontos de vista, notável. A sua história geológica é marcada por acontecimentos que se iniciaram há cerca de 200MA, com a deposição de sedimentos em meio marinho.

Ligada à abertura do Oceano Atlântico, e ao preenchimento da bacia Lusitaniana, podem observar-se registos da evolução de um conjunto de ambientes sedimentares ao longo do Mesozóico: marinho profundo, marinho menos profundo, recifal, laguno-marinho, fluvial e lacustre.

O ambiente fluvial revelou-se muito importante, pois são frequentes as intercalações de arenitos, conglomerados e argilas com vegetais fossilizados, que traduzem o transporte e depósito de materiais provenientes da erosão das áreas envolventes.

No entanto, a entidade geológica dominante nesta região é o Maciço Eruptivo de Sintra, que se instalou, ainda a uma certa profundidade durante os últimos tempos mesozóicos, encaixando-se nas camadas sedimentares do Jurássico superior e do Cretácico inferior e médio, aflorando hoje, resultado da erosão.

Os materiais sedimentares do encaixante do maciço eruptivo, soerguidos pela sua ascensão, foram desmantelados e acumularam-se durante o Terciário há cerca de 10 milhões de anos, em regime continental, em áreas periféricas, das quais apenas resta, a pequena bacia que se instalou a norte do maciço.



Filões a norte da Praia do Abano

Na área do PNSC afloram rochas dos três tipos principais:

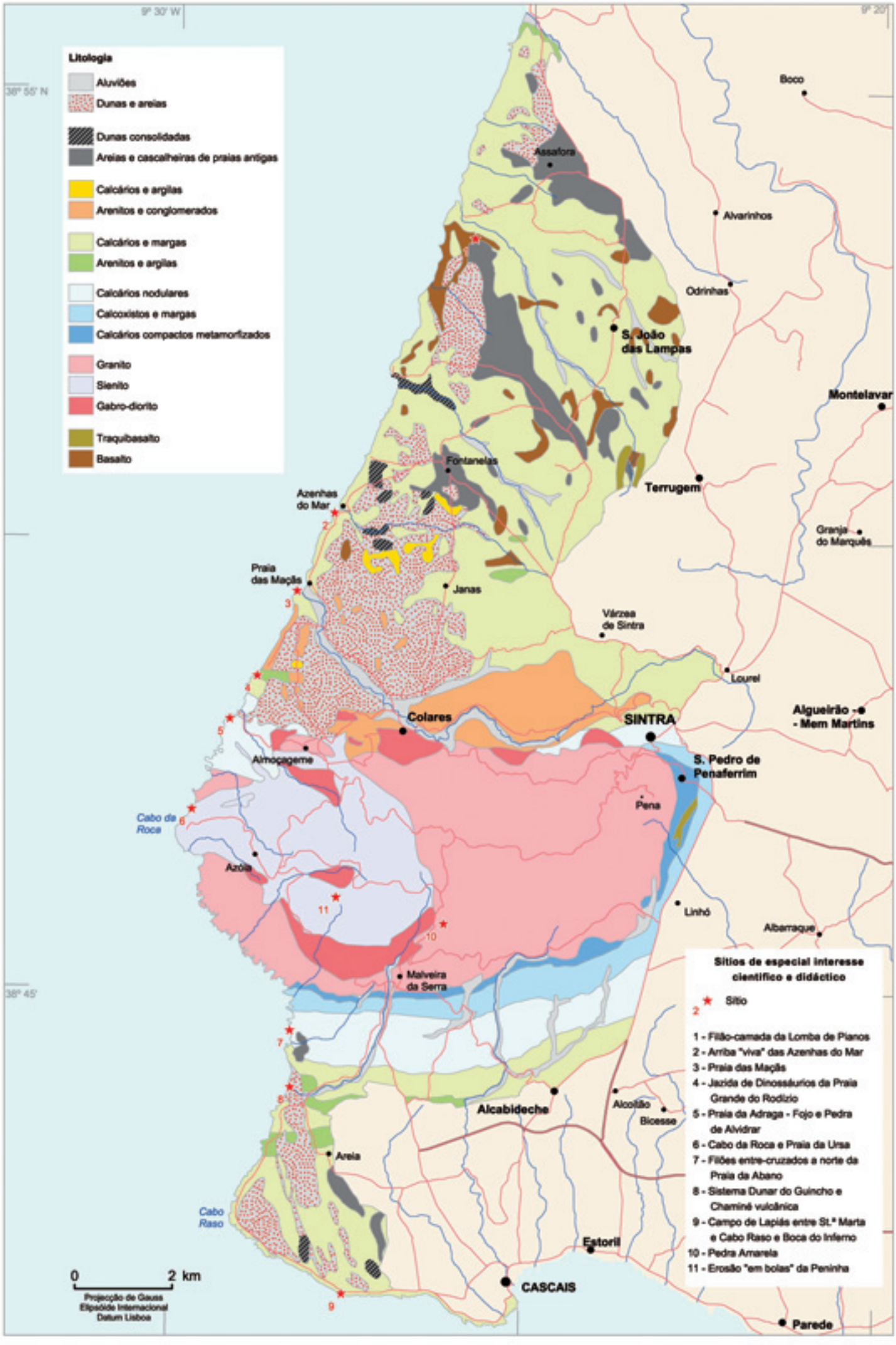
- Rochas sedimentares, as mais antigas, calcários e margas, depositaram-se no Mesozóico no Jurássico Superior, e as mais recentes, areias e aluviões, na actualidade.
- Rochas magmáticas, intrusivas (Maciço Eruptivo de Sintra) e extrusivas (Complexo Vulcânico de Lisboa), extremamente diversificadas (granitos, sienitos, gabros, dioritos, brechas ígneas, traquibasaltos, basaltos, etc.), instalaram-se em períodos que, de acordo com estudos realizados, vão aproximadamente desde os 85 aos 72 milhões de anos.
- Rochas metamórficas, resultantes do contacto com as rochas sedimentares situadas na proximidade das rochas magmáticas, intrusivas e extrusivas.



Sienitos na Peninha

Devido à riqueza geológica desta área protegida, consideraram-se alguns sítios de especial interesse científico e didáctico. A facilidade de acesso torna-os apropriados para visitas de estudo de alunos dos diversos graus de ensino.

Alguns desses locais são bastante vulneráveis e estão sujeitos à destruição por acção humana. As visitas devem ser realizadas respeitando as normas instituídas, nomeadamente no que diz respeito à recolha de amostras, que deve ser limitada ao essencial para trabalho científico.


Litologia
Aluviões
Dunas e areias
Dunas consolidadas
Areias e cascalheiras de praias antigas
Calcários e argilas
Arenitos e conglomerados
Calcários e margas
Arenitos e argilas
Calcários nodulares
Calcoxistos e margas
Calcários compactos metamorfizados
Granito
Sienito
Gabro-diorito
Traquibasalto
Basalto
9° 30' W
9° 20'
38° 55' N
38° 45'
Boco
Assafora
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
Montelavar
Fontanelas
Terrugem
Azenhas do Mar
Granja do Marquês
Praia das Maçãs
Janas
Várzea de Sintra
Lourel
Colares
SINTRA
Algueirão - Mem Martins
S. Pedro de Penaferrim
Almoçageme
Pena
Cabo da Roca
Azóia
Linhó
Albarraque
Malveira da Serra
Alcabideche
Alcoitão
Bicesse
Areia
Cabo Raso
Estoril
CASCAIS
Parede
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa
Sítios de especial interesse científico e didáctico
Sítio
1 - Filão-camada da Lomba de Pianos
2 - Arriba "viva" das Azenhas do Mar
3 - Praia das Maçãs
4 - Jazida de Dinossáurios da Praia Grande do Rodízio
5 - Praia da Adraga - Fojo e Pedra de Alvidrar
6 - Cabo da Roca e Praia da Ursa
7 - Filões entre-cruzados a norte da Praia da Abano
8 - Sistema Dunar do Guincho e Chaminé vulcânica
9 - Campo de Lapiás entre St.ª Marta e Cabo Raso e Boca do Inferno
10 - Pedra Amarela
11 - Erosão "em bolas" da Peninha

Geomorfologia

Morfologicamente o PNSC caracteriza-se pela sua heterogeneidade, no entanto destaca-se na paisagem a Serra de Sintra, que se eleva cerca de 500 metros acima do nível do mar.

A estrutura litológica desta área está profundamente relacionada com um acontecimento marcante - a elevação do Maciço Eruptivo de Sintra - que deformou as rochas existentes, essencialmente de origem sedimentar, que viram a sua posição e, mesmo em alguns casos, a sua estrutura alteradas.

Os interflúvios são constituídos pelas cumeadas e pelas áreas mais ou menos aplanadas contíguas às mesmas, e na sua forma mais reduzida, apresentam-se só como uma cumeada. São mais expostos à erosão, aos ventos dominantes e à irradiação nocturna do que as restantes áreas ecológicas determinadas pelo relevo.

As vertentes caracterizam-se por ser áreas mais ou menos inclinadas, sujeitas à escorrência das águas da chuva e à consequente erosão, que vai depender, não só das características litológicas, mas também do uso do solo e do declive. A maior ou menor inclinação é um factor importante no que diz respeito ao ordenamento do território nomeadamente na avaliação de riscos geomorfológicos que condicionem ou mesmo que impeçam a fixação de edifícios ou a construção de outras infra-estruturas. No âmbito deste trabalho as vertentes foram classificadas de acordo com o seu declive médio, fraco até 5°, médio entre 5° e 15°, e forte acima desse limiar.

Nesta área predominam os vales mais ou menos encaixados, principalmente na plataforma de S. João das Lampas, a norte da Serra de Sintra, o que se justifica essencialmente devido às características litológicas.

Os vales superiores, pouco encaixados, são formas amplas que se ligam suavemente aos interflúvios, mais perto da foz, estreitando e encaixando-se bruscamente. No seu sector terminal apresentam fundos planos relativamente largos.

O litoral do parque caracteriza-se pela existência em quase toda a sua extensão por arribas vivas, que chegam a ter altitudes superiores a 100 metros, constituindo lugares de excelência para observar as diversas características geológicas desta região.

As arribas têm altitudes diferentes, a norte da Serra de Sintra têm geralmente mais de 50 metros, enquanto a sul assumem valores abaixo desse limiar, chegando a desaparecer na área do Cabo Raso em que a costa é baixa e bastante rochosa.



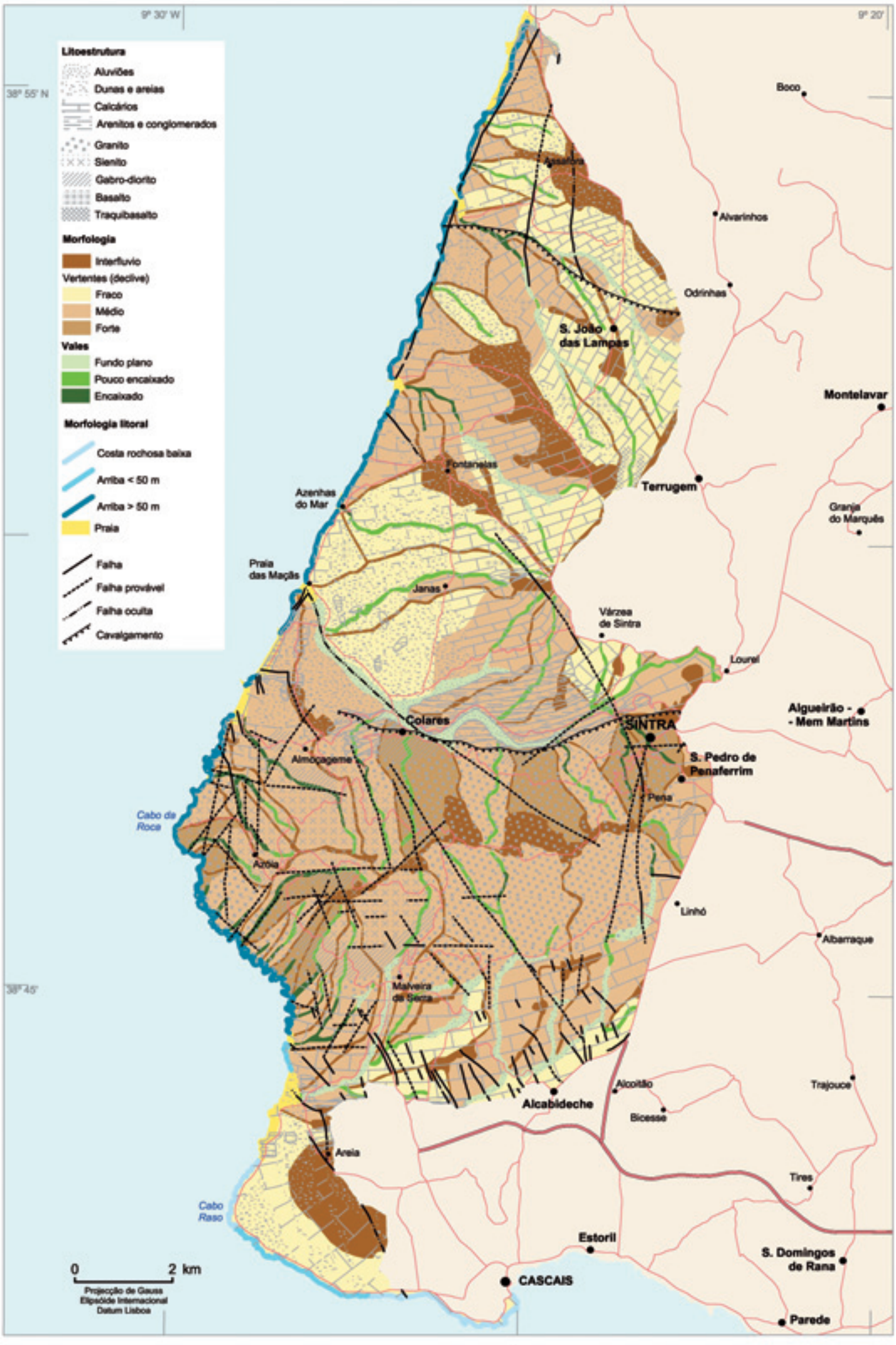
Arribas da Praia do Magoito

O oceano é o principal agente modelador das formas litorais, não só agindo sobre as arribas provocando o seu recuo, mas também transportando e depositando areias nas praias.

As características geomorfológicas desta área protegida, constituem uma das suas principais riquezas, conferindo-lhe particularidades que a diferenciam da região envolvente.



Foz da Ribeira da Samarra


9° 30' W
9° 20'
38° 55' N
38° 45'
Litoestrutura
Aluviões
Dunas e areias
Calcários
Arenitos e conglomerados
Granito
Sienito
Gabro-diorito
Basalto
Traquibasalto
Morfologia
Interfluvio
Vertentes (declive)
Fraco
Médio
Forte
Vales
Fundo plano
Pouco encaixado
Encaixado
Morfologia litoral
Costa rochosa baixa
Arriba < 50 m
Arriba > 50 m
Praia
Falha
Falha provável
Falha oculta
Cavalgamento
Boco
Assafora
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
Montelavar
Fontanelas
Terrugem
Azenhas do Mar
Granja do Marquês
Praia das Maçãs
Janas
Várzea de Sintra
Lourel
Algueirão - - Mem Martins
Colares
SINTRA
S. Pedro de Penaferrim
Almoçageme
Pena
Cabo da Roca
Azóia
Linhó
Albarraque
Malveira da Serra
Alcoitão
Trajouce
Alcabideche
Bicesse
Areia
Tires
Cabo Raso
Estoril
S. Domingos de Rana
CASCAIS
Parede
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa

Tipos de Solo

O solo é um complexo formado pelos produtos de alteração das rochas conjuntamente com a imensidão de seres vivos e substâncias orgânicas que, ao longo do tempo, estão constantemente sujeitos a uma série de tranformações muito complexas. O solo constitui um suporte fundamental para as actividades humanas, especialmente para a agricultura.

A grande diversidade litológica do PNSC tem como consequência uma elevada complexidade dos solos. Para facilitar a sua compreensão, estes foram agrupados nos seguintes tipos:



Solo argiluviado (areia e argila)

Evoluídos:

- Barros, com elevados teores de argila expansíveis, que lhe conferem elevada capacidade de retenção de água e nutrientes.
- Argiluviados (calcários), também com teores consideráveis de minerais de argila, que lhe concedem características próximas às dos barros.
- Podzolizados (areias e cascalheiras), com teores mais ou menos elevados de matéria orgânica; inicialmente pobres, ácidos e arenosos, evoluíram, estando especialmente adaptados às condições de floresta de protecção.

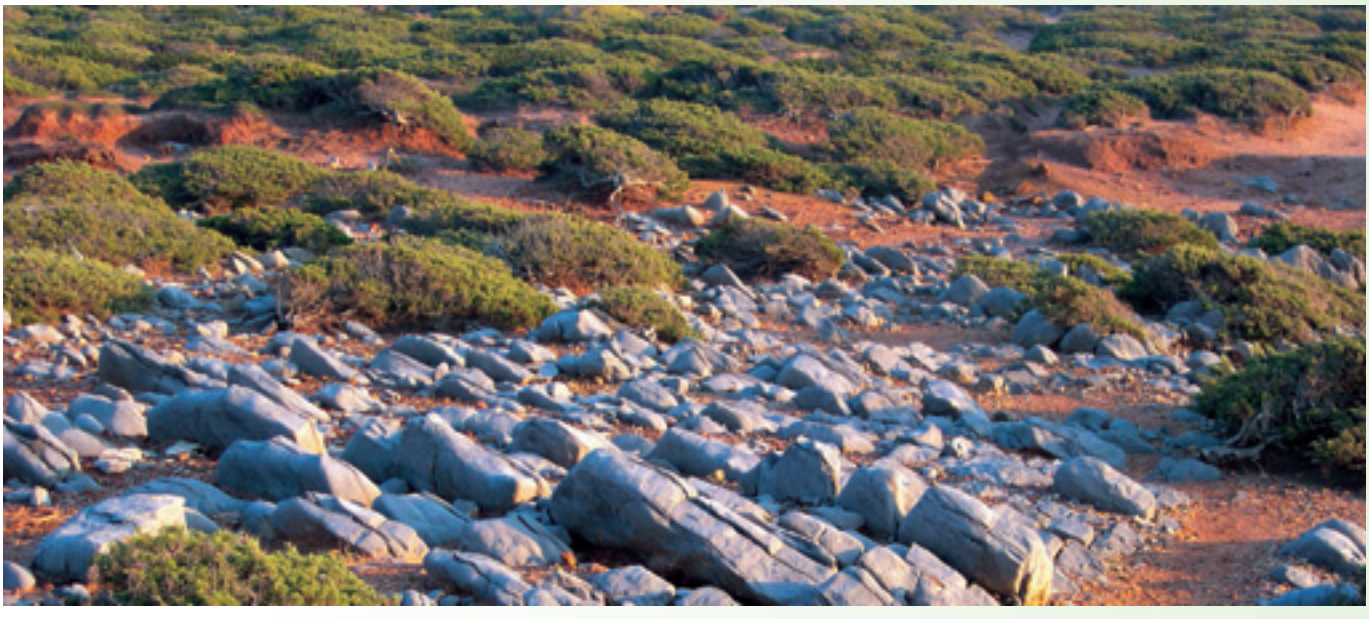
Pouco evoluídos:

- Calcários (rochas básicas), com um desenvolvimento pedogénico limitado, não dispõem de horizontes bem desenvolvidos e têm pouca aptidão para a prática agrícola.
- Litólicos (rochas ácidas), tal como os solos calcários, são igualmente jovens e pouco desenvolvidos, destacando-se desses fundamentalmente devido à sua composição química, que advem das rochas que lhe deram origem.

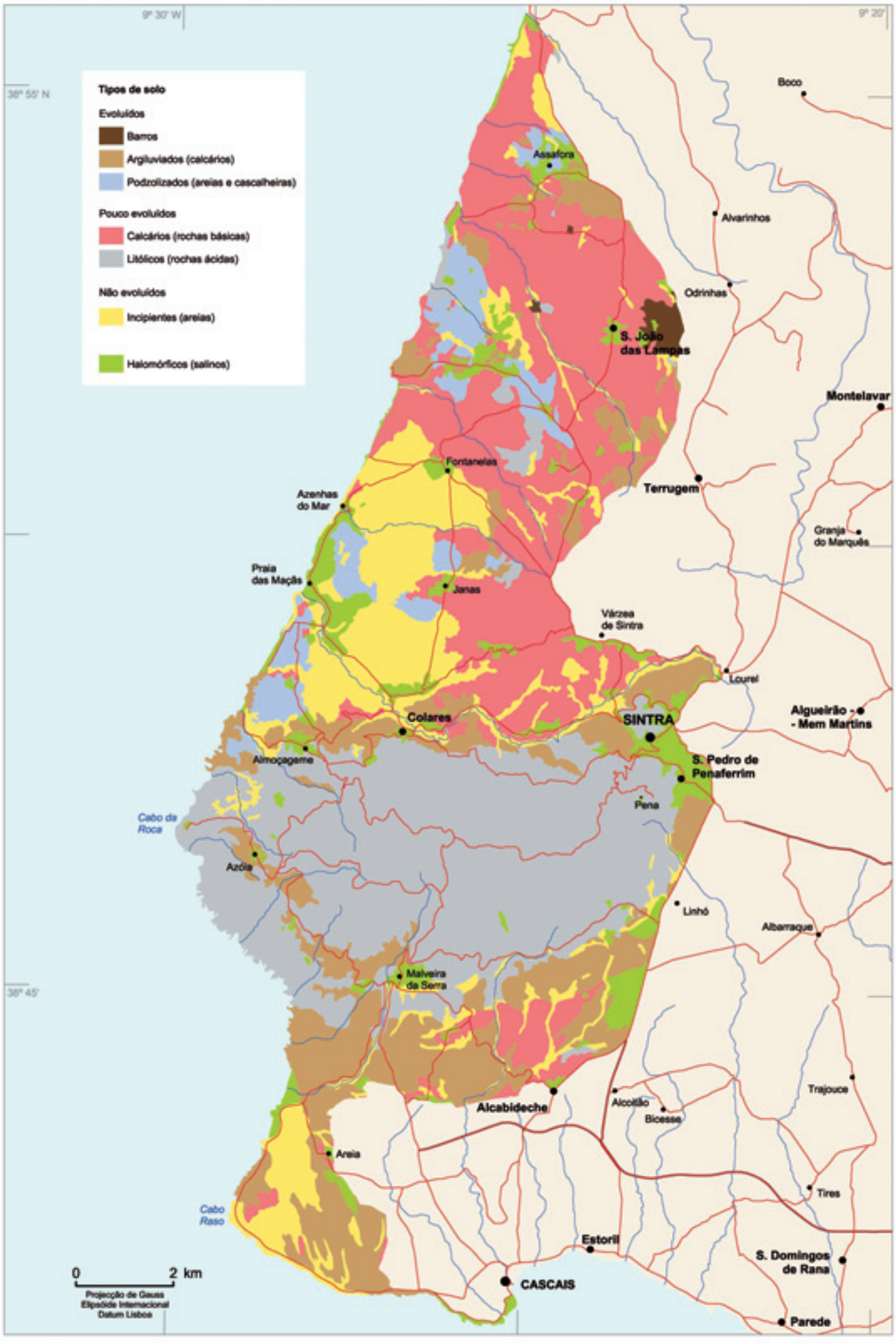
Não evoluídos:

- Incipientes (areias), com elevada percentagem de grãos de areia, bastante móveis e com fraca capacidade de retenção de água e nutrientes, pouco aptos para o desenvolvimento de vegetação.
- Halomórficos, ou solos salinos, em situações de topografia e com formação particular, caracterizam-se pela existência de toalhas freáticas salobras ou de água doce bastante próximas da superfície, o que confere a estes solos particularidades para o desenvolvimento de certos ecossistemas ou utilizações agrícolas específicas.

Os diversos tipos de solo têm características físicas e químicas específicas, que afectam a utilização que se lhes pode dar. Cuidadosas classificações do solo influenciam as decisões sobre a localização dos terrenos de cultivo, a adaptação do tipo de cultura, a implantação de edifícios, de forma a causar o menor impacto possível, e adequar os usos do solo às suas aptidões.



Solo argiloso erodido


9° 30' W
9° 20'
38° 55' N
38° 45'
Tipos de solo
Evoluídos
Barros
Argiluviados (calcários)
Podzolizados (areias e cascalheiras)
Pouco evoluídos
Calcários (rochas básicas)
Litólicos (rochas ácidas)
Não evoluídos
Incipientes (areias)
Halomórficos (salinos)
Boco
Assafora
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
Montelavar
Fontanelas
Terrugem
Azenhas do Mar
Granja do Marquês
Praia das Maçãs
Janas
Várzea de Sintra
Lourel
Colares
SINTRA
Algueirão - Mem Martins
Almoçageme
S. Pedro de Penaferrim
Pena
Cabo da Roca
Azóia
Linhó
Albarraque
Malveira da Serra
Alcabideche
Alcoitão
Bicesse
Trajouce
Areia
Tires
Cabo Raso
Estoril
S. Domingos de Rana
CASCAIS
Parede
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa

Uso do Solo

Durante milhares de anos, o Homem ocupou praticamente a totalidade do território do PNSC, alterando-o e influenciando decisivamente o funcionamento dos ecossistemas.

A área agrícola, que ocupa uma boa parte do PNSC, estabeleceu-se à custa da destruição de áreas de floresta e matos nativos. Actualmente, assume menos importância que num passado recente, em que boa parte das terras nesta área eram cultivadas com cereais e, principalmente, com produtos hortícolas e fruta para abastecimento de Lisboa.



Área agrícola de S. João das Lampas

Os campos agrícolas, ou têm vindo a ser ocupados por florestas de espécies exóticas de crescimento rápido como o eucalipto, o que constitui uma ameaça aos habitats naturais e à biodiversidade, ou têm sido abandonados, ficando desprotegidos e expostos aos elementos climáticos, sendo rapidamente erudidos e degradados.

Até ao século XX, as áreas sociais construídas eram fundamentalmente as vilas de Sintra e Cascais, a primeira como local privilegiado de veraneio da aristocracia e a segunda como centro piscatório. Outros povoados menores existiam nas áreas favoráveis à agricultura.

Durante o último século, especialmente na segunda metade, devido à melhoria dos acessos à capital, mas também ao desenvolvimento do turismo balnear e de natureza, a população do Parque cresceu bastante. Muitos foram também aqueles que escolheram aldeias desta área para a construção da segunda habitação, contribuindo assim de forma significativa para o aumento da impermeabilização dos solos.

Embora com pouca expressão, existem algumas áreas industriais que, para além da artificialização do solo, produzem efluentes líquidos e gasosos que contribuem para a degradação do ambiente em geral.

A Serra de Sintra constitui a principal mancha florestal da região, composta essencialmente por espécies exóticas. Subsistem no entanto algumas manchas de espécies autóctones, como os carvalhais ou os pinhais. No PNSC



Serra de Sintra

surgem outras manchas florestais, que embora mais pequenas do que o perímetro florestal da Serra de Sintra, assumem alguma importância na protecção dos solos e dos habitats.

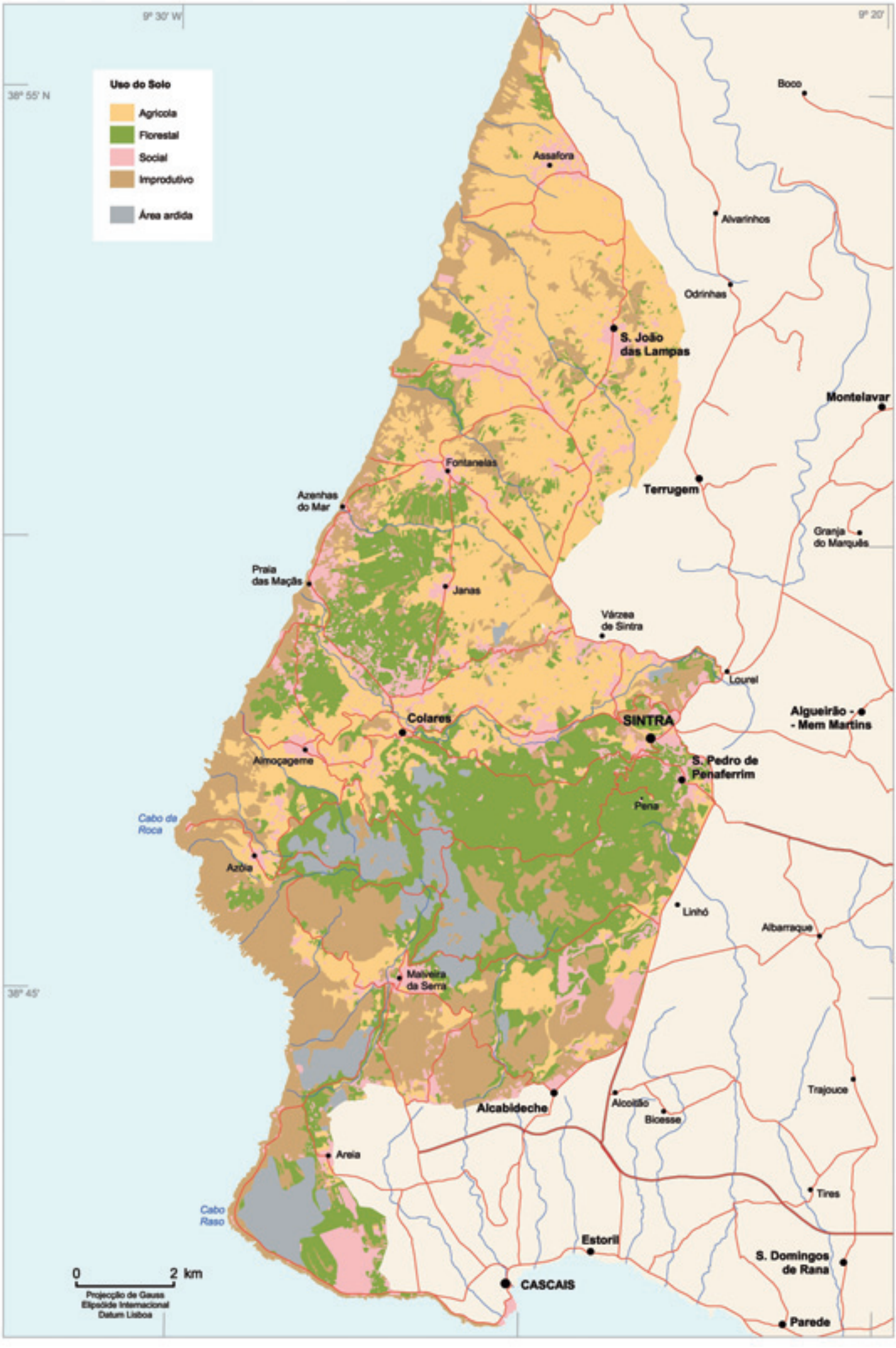
Muitos são os solos que devido às suas características são classificados como improdutivos, no entanto, estes são muito importantes do ponto de vista ambiental, pois neles subsistem espécies que, se sofreram importantes adaptações, lhes permitem sobreviver em condições hostis, o que lhes confere um carácter muito especial.



Sistema dunar Guincho-Oitavos

Para além dos factores de degradação citados anteriormente, os incêndios, que ocorrem com alguma frequência, contribuem muito para a degradação do solo, principalmente porque o deixam desprotegido e à mercê dos elementos erosivos.

O solo enquanto suporte ambiental é de extrema importância. Em solos degradados, é impossível o desenvolvimento, ou mesmo a manutenção, quer de espaços naturais de qualidade, quer de algumas actividades humanas essenciais à sua sobrevivência como a agricultura. É então vital que se garanta a protecção do solo, tentando impedir a todo o custo a sua degradação, sendo essa uma das principais missões do Parque Natural.


9º 30' W
9º 20'
38º 55' N
38º 45'
Uso do Solo
Agrícola
Florestal
Social
Improdutivo
Área ardida
Boco
Assafora
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
Montelavar
Fontanelas
Azenhas do Mar
Terrugem
Granja do Marquês
Praia das Maçãs
Janas
Várzea de Sintra
Lourel
Colares
SINTRA
Algueirão - - Mem Martins
Almoçageme
S. Pedro de Penaferrim
Pena
Cabo da Roca
Azóia
Linhó
Albarraque
Malveira da Serra
Trajouce
Alcabideche
Alcoitão
Bicesse
Areia
Tires
Cabo Raso
Estoril
S. Domingos de Rana
CASCAIS
Parede
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa

Habitats Naturais

Como consequência da heterogeneidade, o PNSC encerra uma grande diversidade de habitats naturais, ambientes específicos em que os seres vivos estão aptos a viver, alimentar-se e reproduzir-se, cuja conservação, de acordo com a Directiva de Habitats 92/43/CEE, é condição indispensável para a preservação da biodiversidade e da paisagem.

Através de uma avaliação ecológica, tendo por base dados relativos à geologia, hidrologia, ocupação do solo e florestas da área do PNSC, foi possível obter uma valorização integrada dos habitats, recorrendo-se para o efeito à sua classificação em quatro classes designadas por:

Valor excepcional. Corresponde aos locais onde ocorrem habitats que, em território europeu, são considerados prioritários para a conservação. Os incluídos nesta classe são: dunas fixas com vegetação herbácea ("dunas cinzentas"); dunas litorais com sabina-da-praia; dunas com florestas de pinheiro-bravo e/ou pinheiro-manso; charcos temporários mediterrânicos.

Valor muito elevado. Corresponde aos habitats que, em território europeu, são considerados especiais para a conservação. Incluídos nesta classe estão: arribas com vegetação das costas mediterrânicas; dunas móveis embrionárias; dunas móveis do cordão litoral com estorno ("dunas brancas"); dunas com vegetação mediterrânica; vegetação herbácea dos cursos de água mediterrânicos com cortinas arbóreas ribeirinhas de salgueiros e choupos; vegetação herbácea dos cursos de água mediterrânicos intermitentes; matagais arborescentes de sabina-da-praia; vertentes rochosas com vegetação rupestre; grutas não exploradas pelo turismo; grutas marinhas submersas ou semi-submersas; carvalhais galaico-portugueses de carvalho-alvarinho e carvalho-cerquinho; carvalhais ibéricos de carvalho-negral e carvalho das Canárias; florestas de



Arribas com vegetação da costa mediterrânica

sobreiros; pinhais mediterrânicos de pinheiro-bravo na sua área natural de distribuição.

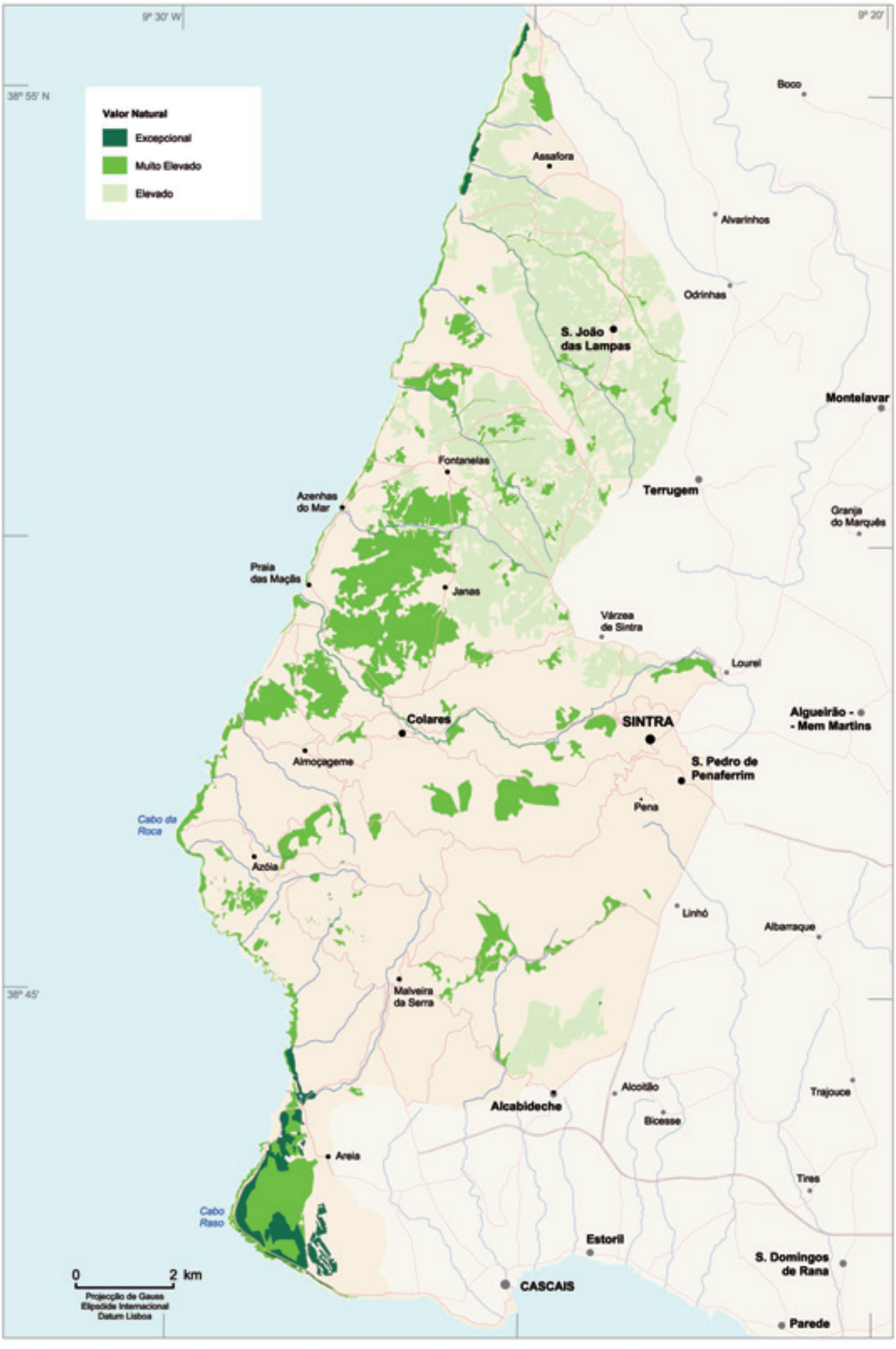
Valor elevado. Corresponde aos habitats naturais, aos quais não é atribuído nem um valor ecológico excepcional nem muito elevado, como é o caso dos prados secos semi-naturais e fácies arbustivas em substrato calcário. Esta valoração decorre do facto deste habitat ser muito abundante na região enquadrante, apresentar forte resiliência e alternar, obrigatoriamente, com períodos de utilização agrícola, não assumindo nesta valor relevante para a conservação. Note-se que a pertinência de integrar este habitat nesta classe está relacionada com a presença de espécies de orquídeas, que conferem ao habitat um carácter prioritário.

Valor não significativo. Corresponde aos habitats que não são considerados especiais para a conservação, esta classe não está cartografada, uma vez que não determina alterações relevantes do ponto de vista da gestão do território.

Da aplicação das duas directivas comunitárias «AVES» e «HABITATS», que determinam a conservação de habitats naturais e de espécies da fauna e da flora da União Europeia, nomeadamente através da criação de uma rede ecológica europeia de sítios protegidos, resulta a REDE NATURA 2000.



Matagal de sabina-da-praia


9° 30' W
9° 20'
38° 55' N
38° 45'
Valor Natural
Excepcional
Muito Elevado
Elevado
Boco
Assafora
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
Montelavar
Fontanelas
Terrugem
Azenhas do Mar
Granja do Marquês
Praia das Maçãs
Janas
Várzea de Sintra
Lourel
Colares
SINTRA
Algueirão - - Mem Martins
Almoçageme
S. Pedro de Penaferrim
Pena
Cabo da Roca
Azóia
Linhó
Albarraque
Malveira da Serra
Alcoitão
Trajouce
Alcabideche
Bicesse
Areia
Tires
Cabo Raso
Estoril
S. Domingos de Rana
CASCAIS
Parede
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa

Fauna

Vários factores contribuem para o carácter peculiar das comunidades animais do PNSC. Numa primeira abordagem, salienta-se a presença aqui de habitats escassos no contexto do território nacional, nomeadamente as grutas e o litoral marinho.

Por outro lado, tal como acontece com a flora, o maciço eruptivo de Sintra apresenta características de ilha biogeográfica, fenómeno resultante da existência de um bioclima distinto da plataforma sedimentar enquadrante. Este facto poderá explicar a presença, na Serra de Sintra, de populações isoladas de espécies cujo óptimo ecológico se situa em regiões mais setentrionais, como é o caso por exemplo do lagarto-de-água e do musaranho-de-dentes-vermelhos.

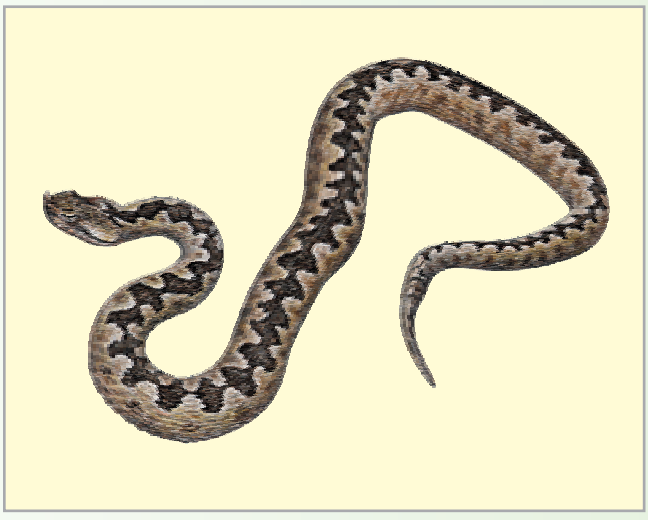
Na área abrangida pelo PNSC ocorrem cerca de 179 espécies de aves, 67 das quais são, comprovada ou possivelmente, nidificantes, o que corresponde a uma riqueza específica elevada. Estas espécies, como por exemplo o bufo-real, a águia de Bonelli, o falcão-peregrino, e o gavião da Europa apresentam estatuto de ameaça em Portugal.



Gavião da Europa

De entre os mamíferos ameaçados no PNSC, a ordem em que se enquadram os morcegos é a que possui um maior número de espécies em risco (sete no total). Nas últimas décadas, as populações de morcegos têm vindo a sofrer um declínio acentuado, em particular na Europa. De entre as várias espécies, as cavernícolas são as mais ameaçadas.

Das várias espécies de répteis e anfíbios, consideradas prioritárias para a conservação no âmbito do PNSC, a maior parte vive na Serra de Sintra, uma vez que é uma área mais húmida, onde a poluição dos cursos de água é menor, sendo reduzidos alguns factores de pressão humana.



Víbora-cornuda

A boga-portuguesa é uma espécie de peixe endémica dos cursos de água entre o Rio Mira e a Ribeira da Samarra. Por ultimamente, se ter verificado uma regressão das suas populações ao longo de quase toda a sua área de dispersão, foi-lhe conferido o estatuto de "rara" ou "vulnerável".

Os principais factores de ameaça da fauna no PNSC são: a perturbação directa; os atropelamentos; a degradação e fragmentação dos habitats naturais; os incêndios florestais; e a perseguição directa.

A perturbação directa resulta do impacto visual e do ruído gerado pela presença humana. Usualmente, as espécies reagem a este tipo de interferência afastando-se das áreas que ocupam para áreas menos adequadas à sobrevivência. Este fenómeno tem sofrido um acréscimo devido ao aumento da afluência de turismo, o que ocorrendo durante o período de reprodução se torna particularmente grave.

A degradação do coberto vegetal do PNSC, nomeadamente a expansão de espécies exóticas, a erosão e a poluição das linhas de água, a par com a fragmentação dos habitats, devido essencialmente à acção humana que leva ao isolamento das populações animais, constituem graves ameaças à fauna da área protegida.

PARQUE NATURAL DE SINTRA-CASCAIS

FAUNA

1 - **Geneta** / *Genetta genetta*
Frequente no PNSC, principalmente na Serra

2 - **Leirão-comum** / *Eliomys quercinus*
Frequente no PNSC

3 - **Morcego-orelhudo-cinzento** / *Plecotus austriacus*
Restrito à Serra de Sintra

4 - **Musaranho-de-dentes-vermelhos** / *Sorex Granarius*
Restrito à serra.

5 - **Raposa** / *Vulpes vulpes*
Pouco frequente no PNSC

6 - **Toirão** / *Putorius putorius*
Raro no PNSC.

7 - **Águia de Bonelli** / *Hieraaetus fasciatus*
Muito rara no PNSC (um casal)

8 - **Bufo-real** / *Bubo bubo*
Muito raro no PNSC

9 - **Corvo-marinho-de-crista** / *Phalacrocorax aristotelis*
Escasso no Parque.

10 - **Estrelinha-de-cabeça-listada, estrelinha-real** / *Regulus ignicapillus*
Muito comum no PNSC

11 - **Falcão-peregrino** / *Falco peregrinus*
Raro no PNSC (4 a 5 casais)

12 - **Gaivota-de-cabeça-preta** / *Larus Melanocephalus*
Frequente no PNSC.

13 - **Gaivota-de-patas-amarelas** / *Larus cachinans*
Frequente em todo o litoral do Parque

14 - **Galinhola** / *Scolopax rusticola*
Rara no PNSC.

15 - **Ganso-patola** /*Morus bassanus*
Muito frequente no Cabo Raso

16 - **Gavião** / *Accipiter nisus*
Raro no PNSC (3 a 6 casais)

17 - **Melro-azul** / *Monticola solitarius*
Escasso no PNSC

18 - **Painho-comum, painho-de-cauda-quadrada** / *Hidrobates pelagicus*
Raro no PNSC

19 - **Peneireiro-comum** / *Falco tinnunculus*
Frequente no PNSC

20 - **Cágado-comum** / *Mauremys leprosa*
Escasso no PNSC (três núcleos)

21 - **Cobra-de-capuz** / *Macroprotodon cucullatus*
Escassa no PNSC

22 - **Cobra-de-escada** / *Elaphe scalaris*
Frequente na encosta sul da serra de Sintra

23 - **Fura-mato** / *Chalcides chalcides*
Frequente no PNSC

24 - **Lagarto-de-água** / *Lacerta schreiberi*
Raro no PNSC

25 - **Víbora-cornuda** / *Vipera latastei*
Rara no PNSC.

26 - **Salamandra-comum, salamandra-de-pintas** / *Salamandra salamandra*
Frequente, sobretudo na Serra de Sintra. Muito abundante nos Parques da Pena e Monserrate.

27 - **Sapinho-de-verrugas, sapo-anão** / *Pelodytes punctatus*
Pouco frequente no PNSC

28 - **Tritão-de-ventre-laranja** / *Triturus boscai*
Muito abundante na Serra, mais escasso em zonas Agrícolas.

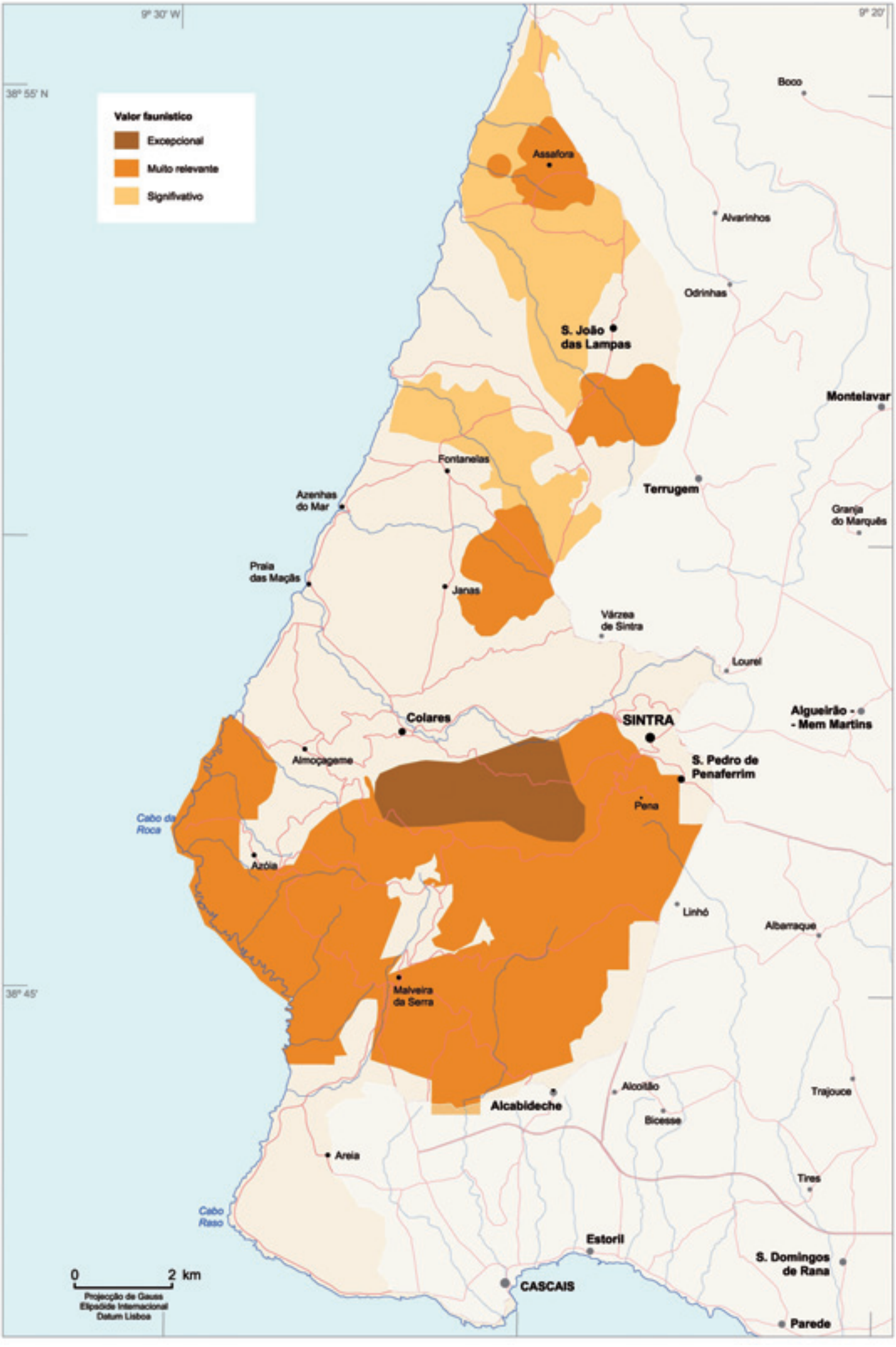
29 - **Boga-portuguesa** / *Chondrostoma lusitanicum*
Localizada

30 - **Enguia** / *Anguilla anguilla*
Frequente no PNSC

Espécies de conservação prioritária no PNSC

MAMÍFEROS
AVES
RÉPTEIS
ANFÍBIOS
PEIXES

Fauna do Parque Natural de Sintra-Cascais
Esta lista de fauna inclui espécies importantes pela sua abundância, distribuição geográfica e estatuto de protecção. Entre espécies facilmente observáveis e outras raras, ameaçadas em Portugal e protegidas por legislação internacional, é grande a diversidade expressa em pelo menos 200 espécies de vertebrados: 33 mamíferos, 179 aves, 12 anfíbios, 19 répteis e 9 peixes de água doce. Aos animais extintos do PNSC, como o lobo ou a lebre juntam-se provavelmente extintos, há anos sem registo de qualquer observação, a lontra e o gato-bravo.


9° 30' W
9° 20'
38° 55' N
38° 45'
Valor faunístico
Excepcional
Muito relevante
Significativo
Boco
Assafora
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
Montelavar
Fontanelas
Terrugem
Azenhas do Mar
Granja do Marquês
Praia das Maçãs
Janas
Várzea de Sintra
Lourel
Colares
SINTRA
Algueirão - Mem Martins
Almoçageme
S. Pedro de Penaferrim
Pena
Cabo da Roca
Azóia
Linhó
Albarraque
Malveira da Serra
Alcoitão
Trajouce
Alcabideche
Bicesse
Areia
Tires
Cabo Raso
Estoril
S. Domingos de Rana
CASCAIS
Parede
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa

Flora

Segundo estudos recentes, estão assinaladas para a Serra de Sintra cerca de 900 plantas naturais da região, das quais metade são mediterrânicas ou oeste-mediterrânicas; destas, 87 são espécies endémicas, ou seja, têm uma distribuição espacial mais ou menos restrita ou isolada.



Cravo-romano

Uma das muitas peculiaridades da flora desta área manifesta-se no desenvolvimento de algumas espécies--relíquia da Laurissilva que aqui existia antes da última glaciação, que continuam a encontrar no ambiente da Serra de Sintra condições para sobreviver.



Feto-de-folha-de-hera

De cerca de um milhar de espécies encontradas na Serra de Sintra, parte (aproximadamente 15 %) são plantas introduzidas de outras áreas do planeta, de que apenas uma pequena parte se encontra naturalizada. Destas algumas são mesmo invasoras.

No que respeita a endemismos desta região, a situação é complexa, sendo referidas oito espécies nessa categoria. No entanto, a evolução da taxonomia e da biogeografia botânica tem posto em causa a validade da classificação dessas espécies como endemismos da Serra, do Cabo da Roca ou mesmo como exclusivos dos concelhos de Sintra e Cascais.

Ainda que em alguns locais a vegetação da Serra de Sintra se apresente exuberante, encontra-se de facto profundamente alterada relativamente à vegetação natural. A intervenção milenar do Homem, tal como aconteceu em toda a região mediterrânica, alterou o coberto vegetal, primeiro através da pastorícia, seguidamente pela agricultura e, posteriormente, através da introdução de povoamentos florestais de produção ou protecção.

A pastorícia, primeira actividade não caçadora ou recolectora introduzida na Península, implicou o uso generalizado do fogo, visando promover as áreas de pastagens em detrimento das florestas nativas e, posteriormente, dos matos.
A agricultura, que a arqueologia mostra ter sido intensa, concentrou-se nas faldas setentrional e marítima da Serra. Do ponto de vista botânico, a agricultura tem constituído um intenso factor de degradação.



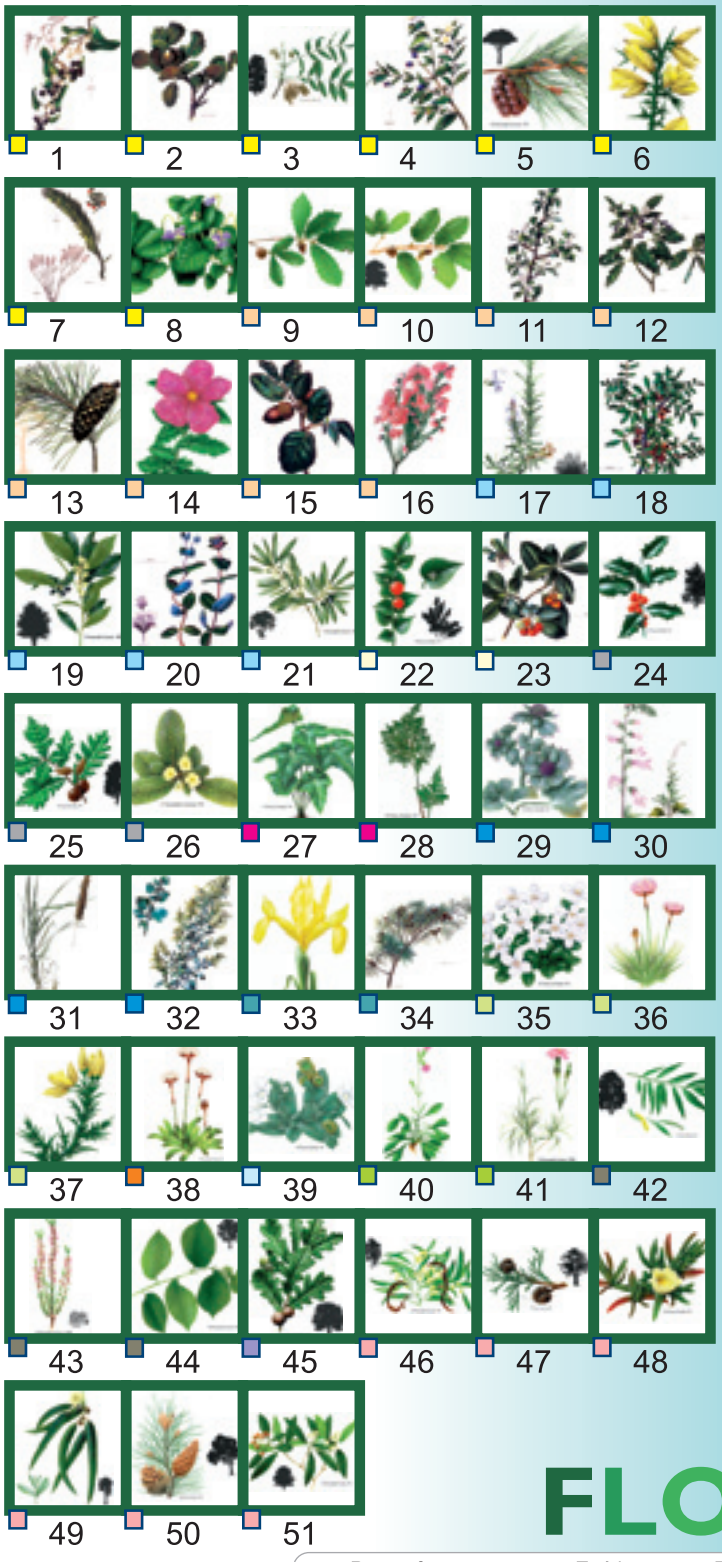
Azevinho

O repovoamento florestal, realizado a partir do século XIX, e a transformação das propriedades agrícolas da encosta norte da Serra em matas de lazer e em parques românticos, constituíram algumas das mais funestas acções realizadas por mão humana: das espécies exóticas e ornamentais utilizadas no repovoamento da Serra, algumas vieram a revelar-se invasoras, como foi o caso das acácias.

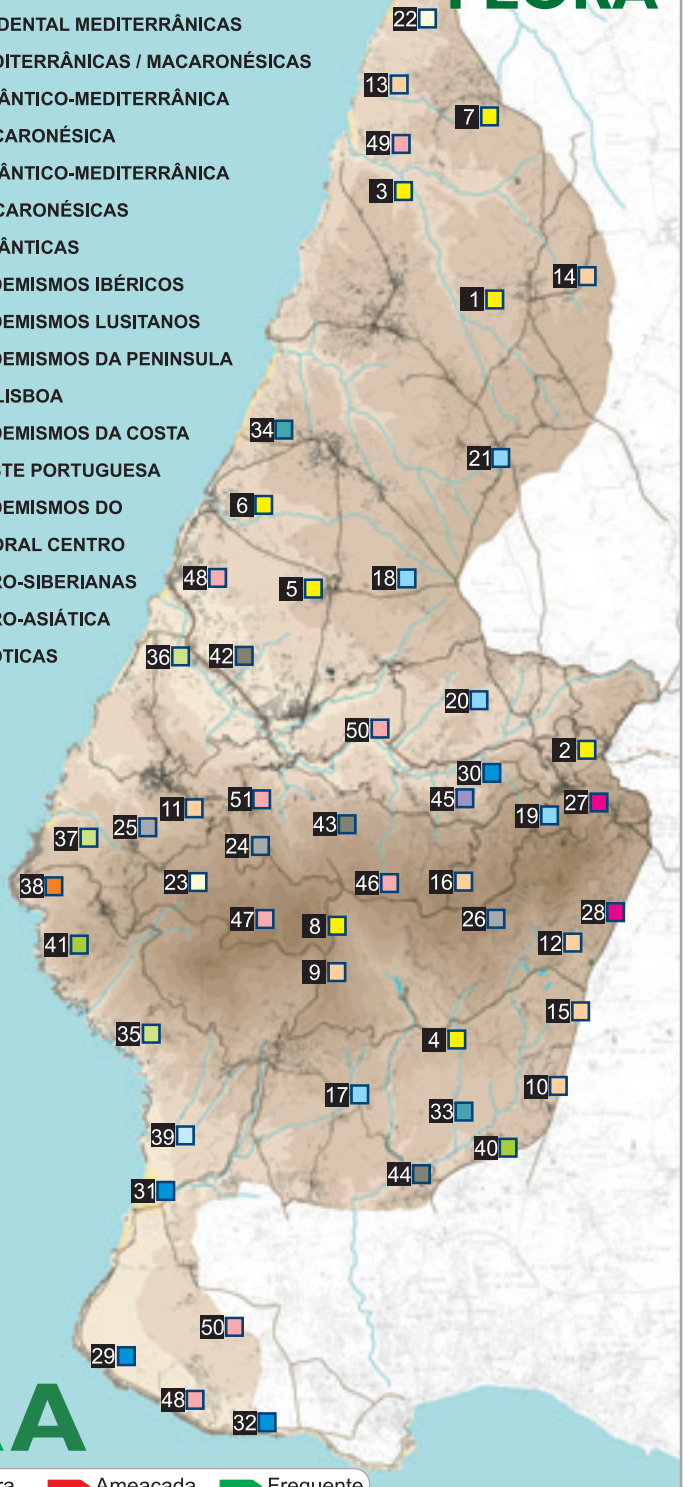
As espécies invasoras, a expansão urbana (verificada principalmente a partir do século XX), o incremento das actividades ligadas ao turismo e a ocorrência frequente de fogos (alguns de grande dimensão) constituem actualmente os problemas mais graves para o PNSC no que respeita à conservação da flora, extensíveis à fauna e de um modo geral a todos os habitats naturais.

PARQUE NATURAL DE SINTRA-CASCAIS

FLORA



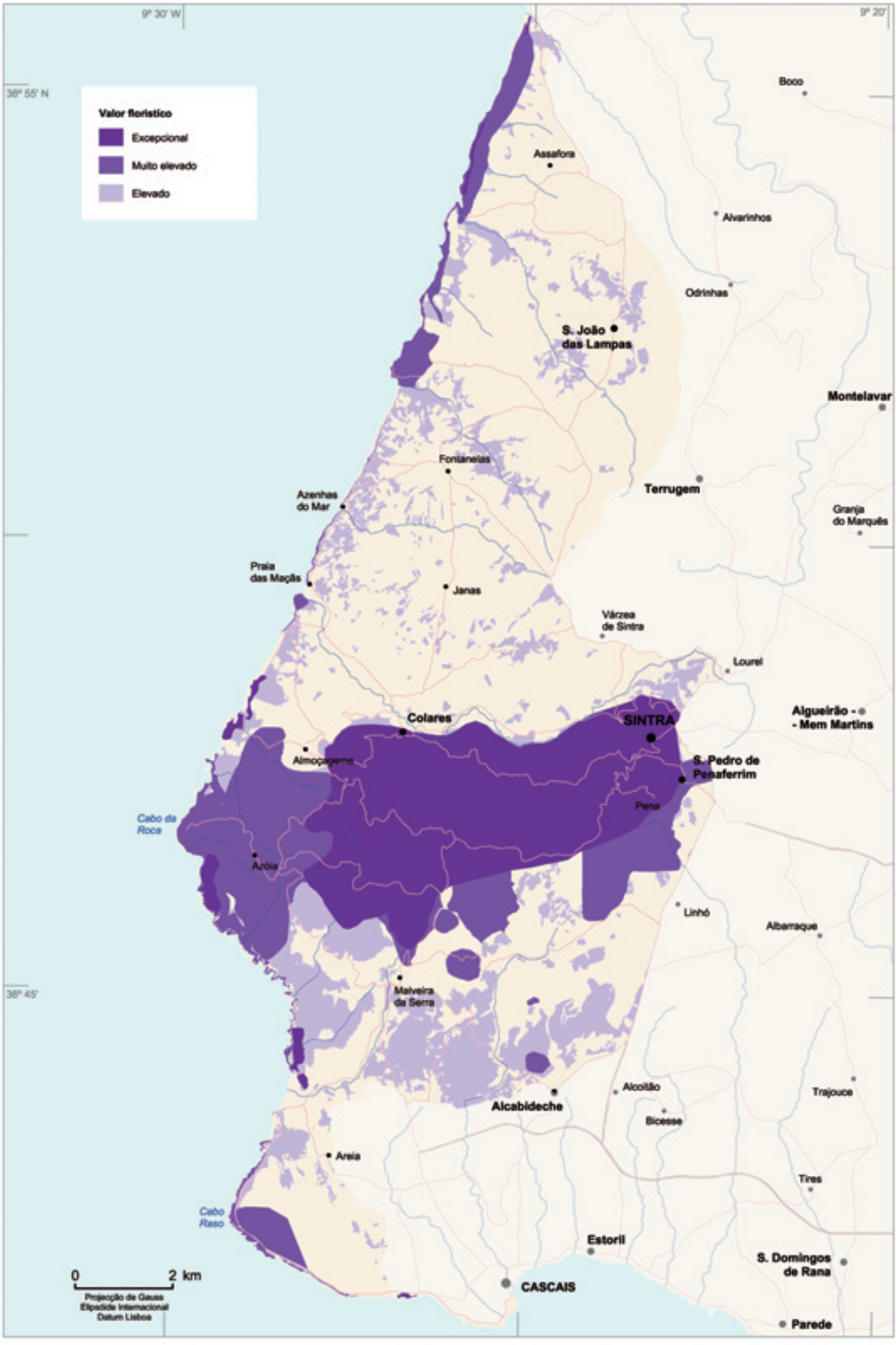
- MEDITERRÂNICAS
- OCIDENTAL MEDITERRÂNICAS
- MEDITERRÂNICAS / MACARONÉSICAS
- ATLÂNTICO-MEDITERRÂNICA MACARONÉSICA
- ATLÂNTICO-MEDITERRÂNICA
- MACARONÉSICAS
- ATLÂNTICAS
- ENDEMISMOS IBÉRICOS
- ENDEMISMOS LUSITANOS
- ENDEMISMOS DA PENINSULA DE LISBOA
- ENDEMISMOS DA COSTA OESTE PORTUGUESA
- ENDEMISMOS DO LITORAL CENTRO
- EURO-SIBERIANAS
- EURO-ASIÁTICA
- EXÓTICAS



FLORA

Pouco frequente | Exótica | E. Invasora | Ameaçada | Frequente

1 - **Alegra-campo**, legacão, salsaparrilha-bastarda / *Smilax aspera*
2 - **Carrasco**, carrasqueiro / *Quercus coccifera*
3 - **Freixo**, **freixo-de-folhas-estreitas** / *Fraxinus angustifolia*
4 - **Murta, murtinho** / *Myrtus communis*
5 - **Pinheiro-manso** / *Pinus pinea*
6 - **Tojo-arnal**, **carqueja** / *Ulex europaeus*
7 - **Trovisco-fêmea** / *Daphne gnidium*
8 - **Violeta** /*Viola odorata*
9 - **Carvalhiça, carvalho-anão** /*Quercus lusitanica*
10 - **Carvalho-cerquinho, c.-português** / *Quercus faginea* ssp. *broteroi*
11 - **Espinheiro-branco, pilriteiro** / *Crataegus monogyna* subsp. *brevispina*
12 - **Folhado** / *Viburnum tinus*
13 - **Pinheiro-bravo, pinheiro-marítimo** / *Pinus pinaster*
14 - **Roselha** /*Cistus crispus*
15 - **Sobreiro, sobro, chaparro** / *Quercus suber*
16 - **Urze-vermelha**, **chamiça** /*Erica australis*
17 - **Alecrim** / *Rosmarinus officinalis*
18 - **Aroeira, lentisco** / *Pistacia lentiscus*
19 - **Loureiro, louro** / *Laurus nobilis*
20 - **Madressilva** / *Lonicera implexa*
21 - **Zambujeiro**, **oliveira-brava** / *Olea europaea* var. *silvestris*
22 - **Gilbardeira, erva-dos-vasculhos** / *Ruscus aculeatus*
23 - **Medronheiro** / *Arbutus unedo*
24 - **Azevinho, pica-folha** / *Ilex aquifolium*
25 - **Carvalho-negral** / *Quercus pyrenaica*
26 - **Primula, rosas-de-Páscoa** / *Primula vulgaris*
27 - **Feto-de-folha-de-hera** / *Asplenium hemionitis*
28 - **Feto-dos-carvalhos** / *Davallia canariensis*
29 - **Cardo-maritimo, cardo-rolador** / *Eryngium maritimus*
30 - **Dedaleira** / *Digitalis purpurea*
31 - **Estorno** / *Ammophila arenaria*
32 - **Salgadeira, carlina-bastarda** / *Atriplex halimus*
33 - **Lírio-amarelo-dos-montes** / *Iris lusitanica*
34 - **Sabina-da-praia**, **zimbro-das-areias** /*Juniperus turbinata*
35 - **Coclearia-menor** / *Ionopsidium acaule*
36 - **Raiz-divina** / *Armeria welwitschii*
37 - **Tojo-gatunho, tojo-da-charneca** / *Ulex densus*
38 - **Cravo-romano** / *Armeria pseudarmeria*
39 - **Miosotis-das-praias** / *Omphalodes kuzinskyanae*
40 - **Cravinha** / *Silene longicilia* ssp *cintrana*
41 - **Cravo de Sintra, cravina-brava** / *Dianthus cintranus.* ssp. *cintranus*
42 - **Salgueiro, vimeiro** / *Salix alba*
43 - **Torga ordinária, urze** / *Calluna vulgaris*
44 - **Ulmeiro, álamo** / *Ulmus minor*
45 - **Carvalho-roble** / *Quercus robur*
46 - **Acácia-australiana** / *Acacia melanoxylon*
47 - **Cedro do Buçaco** / *Cupressus lusitanica*
48 - **Chorão, figo-da-terra** / *Carpobrotus edulis*
49 - **Eucalipto** / *Eucalyptus globulus.*
50 - **Pinheiro de Alepo** / *Pinus halepensis*
51 - **Pitósporo, árvore-de-incenso** / *Pittosporum undulatum*


9° 30' W
9° 20'
38° 55' N
38° 45'
Valor floristico
Excepcional
Muito elevado
Elevado
Boco
Assafora
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
Montelavar
Fontanelas
Terrugem
Azenhas do Mar
Granja do Marquês
Praia das Maçãs
Janas
Várzea de Sintra
Lourel
Algueirão - - Mem Martins
Colares
SINTRA
Almoçageme
S. Pedro de Penaferrim
Pena
Cabo da Roca
Azóia
Linhó
Albarraque
Malveira da Serra
Alcoitão
Alcabideche
Trajouce
Bicesse
Areia
Tires
Cabo Raso
Estoril
S. Domingos de Rana
CASCAIS
Parede
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa

Paisagem

A paisagem pode ser entendida como um sistema dinâmico que resulta da interacção entre os factores naturais e a acção das comunidades humanas. Este sistema tem uma componente directamente perceptível, mas também integra processos ou fenómenos biofísicos e culturais, que podem ser mais difíceis de detectar.

A paisagem no PNSC tem um peso histórico apreciável. Desde a Antiguidade muitos foram os artistas e cientistas que se referiram aos valores paisagísticos, sendo um dos factores que levaram à sua classificação inicialmente como Área de Paisagem Protegida e depois à reclassificação como Parque Natural.

A caracterização de unidades de paisagem é feita através da apreciação descritiva das paisagens com base em critérios como: identidade; coerência de usos; riqueza biológica; raridade; etc.

Para a área do PNSC foram definidas sete subunidades de paisagem, agregadas em quatro grupos de unidades: **Terra Saloia** (ou área agrícola); **Serra de Sintra - Cabo da Roca**; **Abano - Penha Longa**; **Costa do Sol**.

A paisagem da Terra Saloia é composta por um mosaico rico e diversificado de aglomerados urbanos, pinhais, pomares, hortas, searas e prados. Apresenta ainda uma unidade estética e visual de qualidade, marcada pela presença da Serra, onde se inclui a sua encosta mais rica em vegetação, e ainda valores patrimoniais.



Unidade de paisagem Serra de Sintra - Cabo da Roca

A Serra de Sintra apresenta-se como um elemento estruturante, mas que paradoxalmente funciona como barreira. Na vertente norte, o efeito das "chuvas orográficas" é determinante para a forma de apropriação pelo Homem que aí ocorreu. Os ventos dominantes de norte - noroeste, carregados de humidade, elevam a precipitação ou precipitação oculta, permitindo o desenvolvimento de uma vegetação exuberante.

A unidade de paisagem Abano - Penha Longa que representa a transição entre a Serra e a costa de Cascais, apresenta-se bastante heterogénea, com um relevo ondulado expressivo a nascente que se vai expandindo em direcção a poente. Neste ondulado, surgem vales, mais ou menos abertos, de declives moderados e onde correm os cursos de água provenientes da Serra.



Unidade de paisagem Abano - Penha Longa

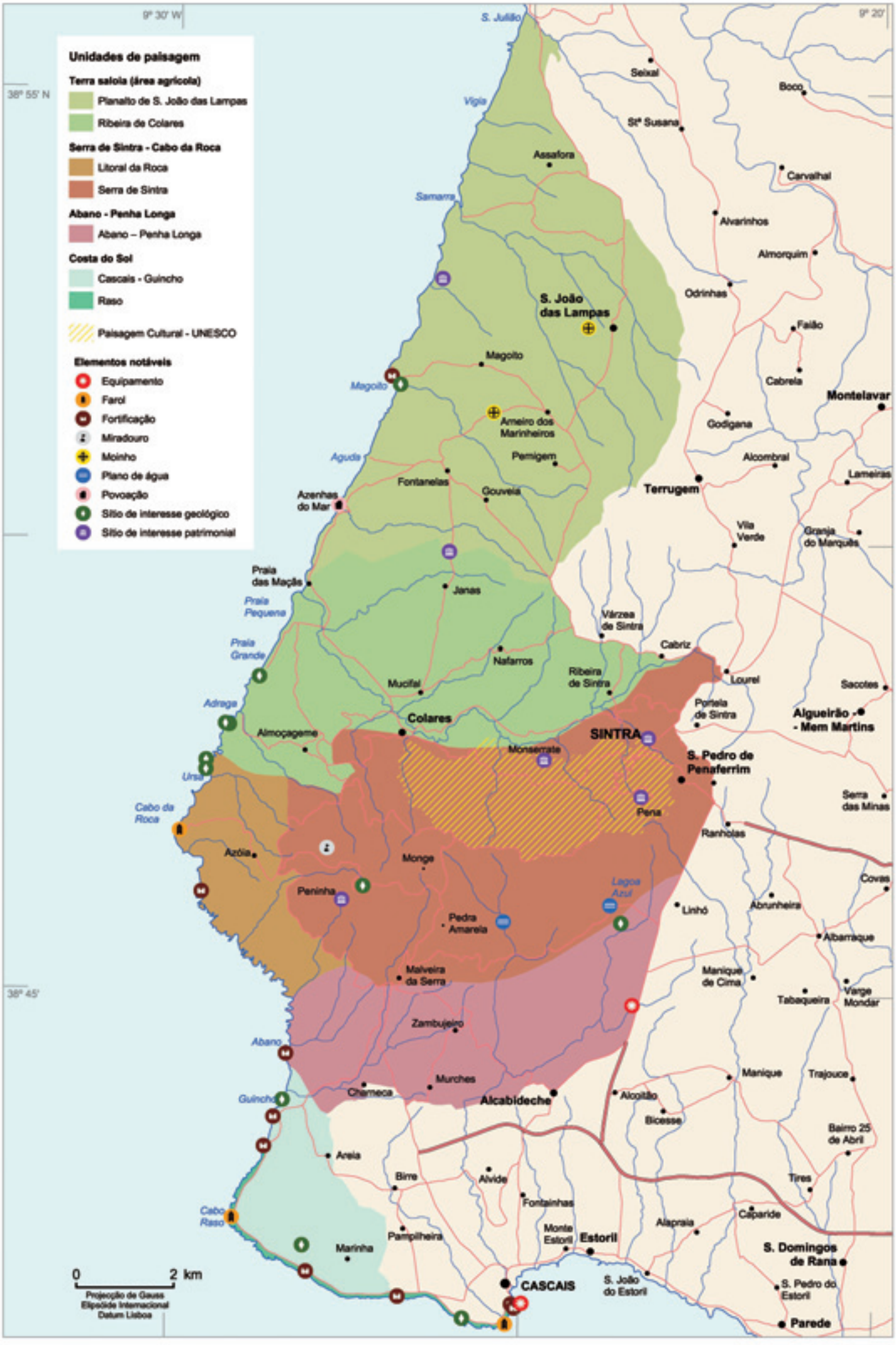


Unidade de paisagem Costa do Sol (Boca do Inferno)

O carácter e a riqueza da Costa do Sol é a forte presença do oceano. A relação com o mar é próxima, uma vez que a costa se apresenta baixa e o contacto se faz directamente, ao contrário das unidades anteriores. A proximidade do mar, as dunas e um clima solarengo conferem a esta paisagem uma luminosidade distinta. Esta área apresenta uma forte identidade ligada à ocorrência de fenómenos geológicos naturais raros, à presença de aglomerados urbanos circunscritos e à possibilidade de praticar desportos aquáticos como o *surf, windsurf* e o *kitesurf* na Praia do Guincho.

Pela sua importância, foram ainda identificados e individualizados alguns elementos notáveis, que se destacam na paisagem. Estes podem ser valores naturais, patrimoniais, ou culturais e ainda pontos de vista excepcionais ou elementos que se destacam pela sua localização.

Pela sua importância, os aspectos paisagísticos são, no âmbito do PNSC, alvo de medidas especiais de protecção.


Unidades de paisagem
Terra saloia (área agrícola)
Planalto de S. João das Lampas
Ribeira de Colares
Serra de Sintra - Cabo da Roca
Litoral da Roca
Serra de Sintra
Abano - Penha Longa
Abano – Penha Longa
Costa do Sol
Cascais - Guincho
Raso
Paisagem Cultural - UNESCO
Elementos notáveis
Equipamento
Farol
Fortificação
Miradouro
Moinho
Plano de água
Povoação
Sítio de interesse geológico
Sítio de interesse patrimonial
9º 30' W
9º 20'
38º 55' N
38º 45'
S. Julião
Vigia
Samarra
Magoito
Aguda
Adraga
Ursa
Cabo da Roca
Abano
Guincho
Cabo Raso
Praia das Maçãs
Praia Pequena
Praia Grande
Azenhas do Mar
Almoçageme
Colares
Azóia
Peninha
Monge
Pedra Amarela
Malveira da Serra
Zambujeiro
Murches
Chemeca
Alcabideche
Areia
Birre
Alvide
Fontainhas
Pampilheira
Marinha
CASCAIS
S. João do Estoril
Monte Estoril
Estoril
Alapraia
Caparide
Tires
Bairro 25 de Abril
S. Domingos de Rana
S. Pedro do Estoril
Parede
Alcoitão
Bicesse
Manique
Trajouce
Manique de Cima
Tabaqueira
Varge Mondar
Albarraque
Abrunheira
Linhó
Covas
Ranholas
Serra das Minas
Algueirão - Mem Martins
Sacotes
Pero Pinheiro
Pero
Monserrate
SINTRA
S. Pedro de Penaferrim
Lagoa Azul
Mucifal
Nafarros
Janas
Várzea de Sintra
Cabriz
Ribeira de Sintra
Lourel
Pero Pinheiro de Sintra
Fontanelas
Gouveia
Penigem
Ameiro dos Marinheiros
S. João das Lampas
Magoito
Assafora
Seixal
Boco
Stª Susana
Carvalhal
Alvarinhos
Almorquim
Odrinhas
Faião
Cabrela
Montelavar
Godigana
Alcombral
Lameiras
Terrugem
Vila Verde
Granja do Marquês
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa

População

Os primeiros povoadores desta área, de início instalados na orla marítima e nos locais elevados de mais fácil defesa, desenvolveram a agricultura concentrada na falda norte da Serra de Sintra, onde hoje está implantada a maior área social.

Muitos foram os povos que passaram por esta região. Desde a Pré-História que grupos humanos a escolheram para desenvolver as suas actividades, como demonstram muitos dos vestígios presentes, como por exemplo o concheiro de S. Julião, ou o monumento funerário do Monge.



Tholos do Monge

O povo Muçulmano, foi um dos que mais tempo esteve presente neste território, deixando muitos vestígios. Foram eles que desenvolveram a agricultura nestas paragens, introduziram novas técnicas, como por exemplo a rega, produzindo essencialmente frutas e hortícolas, produções que por estarem bem adaptadas às condições existentes, ainda hoje persistem como principais culturas, destinadas essencialmente a fornecer os mercados locais e da grande Lisboa.

Também a nível cultural, os muçulmanos deixaram marcas indeléveis, nomeadamente influência na arquitectura, bem patente em alguns dos palácios e quintas da região, também na toponímia ficaram alguns nomes cuja origem não deixa dúvidas, como por exemplo Almoçageme ou Alcabideche.

A Vila de Sintra, a partir do fim do século XIV, tornou-se lugar de veraneio da corte Portuguesa, tornando-se um dos locais mais cosmopolitas de Portugal e mesmo da Europa.

No final do século XIX, com a ligação por comboio a Lisboa, a Vila fica mais perto e passa a lugar de veraneio e de passeio da burguesia da capital.

Cascais foi até ao início do século XX, uma localidade de pescadores, beneficiando das excelentes condições da baía enquanto porto de abrigo e da riqueza do oceano.

No início do século XX, com o desenvolvimento do turismo de sol e mar, Cascais beneficiando de excelentes condições

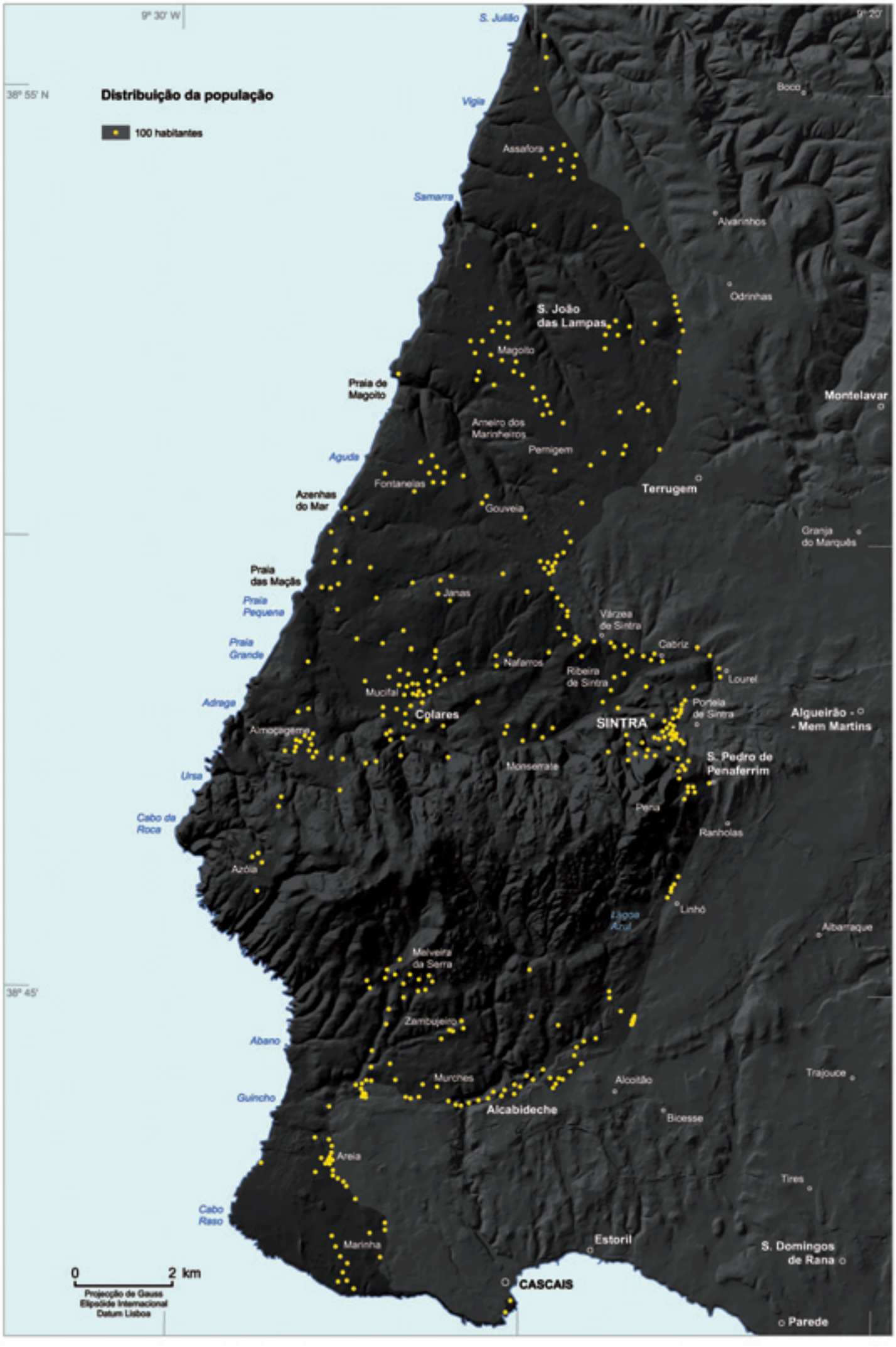


Cascais

atmosféricas converteu-se num destino turístico de excelência, não só para Portugueses, mas também para muitos estrangeiros, que escolhem esta Vila, para passarem férias, e para segunda residência. Não foi indiferente o facto de a realeza (D. Luís em 1870) ter escolhido Cascais como local de residência no verão, no que seria seguido por diversas famílias da nobreza.

Situado na Área Metropolitana de Lisboa onde a realidade do povoamento é muito diversificada, o Parque Natural apresenta um povoamento rural com tendência para se organizar de um modo ordenado ao longo das vias de comunicação ou em pequenas concentrações com tendência para a dispersão.

As freguesias de S. João das Lampas e Colares (única totalmente incluída no Parque), a norte da Serra de Sintra, são as que têm um maior número de habitantes, logo seguidas da freguesia de Alcabideche, localizada na vertente sul e ocupando boa parte da plataforma de Cascais, que é a

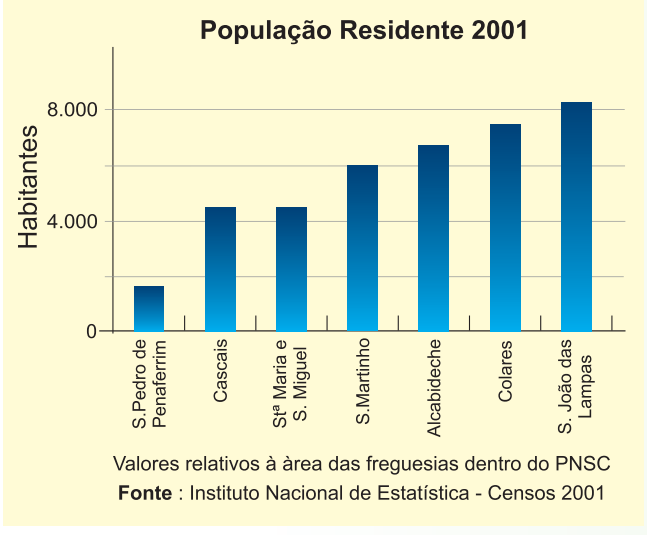

9° 30' W
9° 25'
38° 55' N
38° 45'
Distribuição da população
100 habitantes
S. Julião
Vigia
Boco
Assafora
Samarra
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
Magoito
Praia de Magoito
Montelavar
Ameiro dos Marinheiros
Pernigem
Aguda
Fontanelas
Terrugem
Azenhas do Mar
Gouveia
Granja do Marquês
Praia das Maçãs
Janas
Praia Pequena
Várzea de Sintra
Praia Grande
Cabriz
Nafarros
Ribeira de Sintra
Lourel
Mucifal
Adraga
Colares
Ponte de Sintra
SINTRA
Algueirão - Mem Martins
Almoçageme
S. Pedro de Penaferrim
Monserrate
Ursa
Penal
Cabo da Roca
Ranholas
Azóia
Linhó
Lagoa Azul
Albarraque
Malveira da Serra
Zambujeiro
Abano
Trajouce
Murches
Alcoitão
Guincho
Alcabideche
Bicesse
Areia
Tires
Cabo Raso
Marinha
Estoril
S. Domingos de Rana
CASCAIS
Parede
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa

mais populosa do concelho de Cascais, as de menor número de habitantes são aquelas que incluem as maiores extensões de serra, a área menos povoada do PNSC.

Em vinte anos (1981/2001) a taxa de crescimento no total das freguesias foi cerca de 11%, representando um aumento de pouco mais de 10 mil residentes. De ressaltar que o aumento da população residente foi bastante significativo nos anos 90 do século XX (cerca de 12%) tendo em conta que na década anterior tinha sofrido ligeiro decréscimo de residentes, mostrando que as freguesias do Parque se estão a tornar, recentemente, mais atractivas para a fixação de residentes.

O Parque Natural é bastante povoado, apresentando uma densidade média aproximada de 195 hab./km2 em 1991 tendo crescido em 2001 para 230 hab./km2, valores muito acima da densidade média do Continente (cerca de 110 hab./km2.).

O PNSC está envolvido por áreas fortemente povoadas, apresentando as freguesias vizinhas uma densidade aproximada de 500 hab./km2 e o nível envolvente de concelhos valores superiores (cerca de 1300 hab./km2), como a sub-região da Grande Lisboa onde está localizada (mais de 1700 hab./km2).



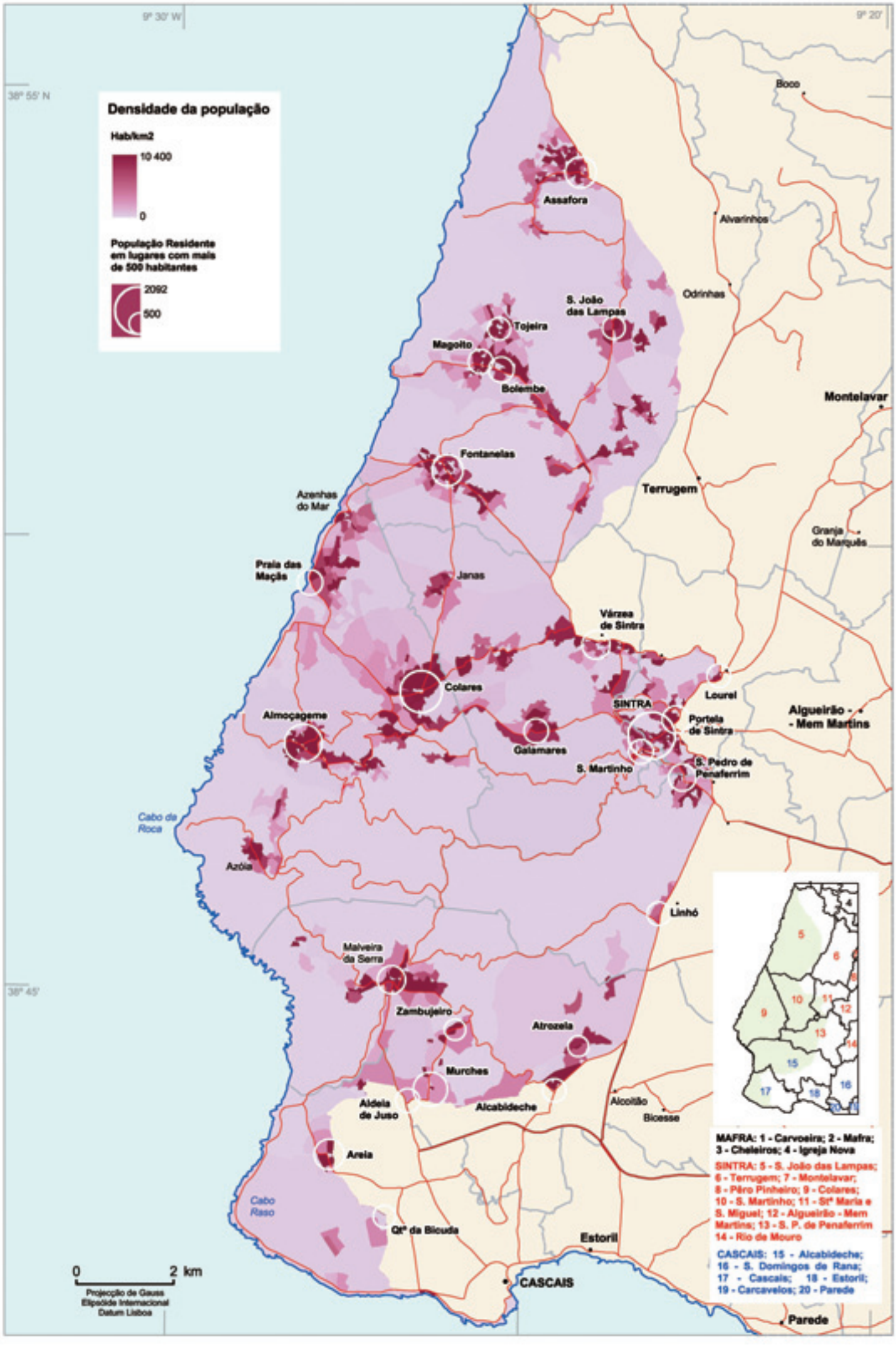
Valores relativos à àrea das freguesias dentro do PNSC
Fonte : Instituto Nacional de Estatística - Censos 2001


Plataforma de Cascais

Se considerarmos a totalidade dos aglomerados, (localidades com mais de 10 fogos) e a sua distribuição geográfica concluímos que a grande maioria se localiza no concelho de Sintra e também que a maior parte tem menos de 200 habitantes.

Os aglomerados do Parque apresentam características essencialmente rurais vivendo apenas cerca 6200 habitantes em aglomerados urbanos, Alcabideche no concelho de Cascais com pouco mais de 3800 habitantes, e Lourel no concelho de Sintra com cerca de 2400 habitantes. De salientar que estes dois aglomerados ficam junto do limite nascente da Área Protegida, perto das principais vias de comunicação e para além da Várzea de Sintra e Cabriz, são aglomerados que apenas têm uma pequena parte no PNSC.


Sintra-Centro Historico


9° 30' W
9° 20'
38° 55' N
38° 45'
Densidade da população
Hab/km2
10 400
0
População Residente em lugares com mais de 500 habitantes
2092
500
Boco
Assafora
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
Tojeira
Magoito
Bolembe
Montelavar
Fontanelas
Terrugem
Azenhas do Mar
Granja do Marquês
Praia das Maçãs
Janas
Várzea de Sintra
Colares
Lourel
SINTRA
Portela de Sintra
Algueirão - - Mem Martins
Almoçageme
Galamares
S. Martinho
S. Pedro de Penaferrim
Cabo da Roca
Azóia
Linhó
Malveira da Serra
Zambujeiro
Atrozela
Murches
Aldeia de Juso
Alcabideche
Alcoitão
Bicesse
Areia
Cabo Raso
Qtª da Bicuda
Estoril
CASCAIS
Parede
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa
MAFRA: 1 - Carvoeira; 2 - Mafra; 3 - Cheleiros; 4 - Igreja Nova
SINTRA: 5 - S. João das Lampas; 6 - Terrugem; 7 - Montelavar; 8 - Pêro Pinheiro; 9 - Colares; 10 - S. Martinho; 11 - Stª Maria e S. Miguel; 12 - Algueirão - Mem Martins; 13 - S. P. de Penaferrim 14 - Rio de Mouro
CASCAIS: 15 - Alcabideche; 16 - S. Domingos de Rana; 17 - Cascais; 18 - Estoril; 19 - Carcavelos; 20 - Parede

O vocábulo Sintra nasceu muito provavelmente da palavra *Cynthia*, símbolo da lua na mitologia céltica. Os romanos chamavam-lhe *Mons Lunae*, o monte da lua.
Na região onde hoje se localiza o PNSC deparamo-nos com vestígios dos primeiros homens do Paleolítico. Este território foi posteriormente ocupado por povos de diferentes culturas, que se fixaram quer nos cumes da serra, quer em povoados junto ao litoral, desfrutando do contacto com o oceano.



Casal saloio

Durante cerca de doze séculos, romanos, visigodos e árabes, deixaram marcas profundas no *modus vivendi* das populações que se lhes seguiram. Alguns dos seus traços são ainda observáveis em estruturas rurais, tais como o casal saloio, os sistemas de moagem tradicional (moinhos de vento e azenhas), os sistemas de captação de água, fontes e fontanários.
Paralelamente a uma sociedade rural que ocupou os solos mais férteis e planos, desenvolveu-se na Serra de Sintra um outro costume, - a nobreza descobre os encantos deste território. Sobretudo a partir do século XIX, transforma parte da valência agrícola que as suas quintas e palácios representavam, em espaços de lazer e recreio, características que se mantêm até hoje.



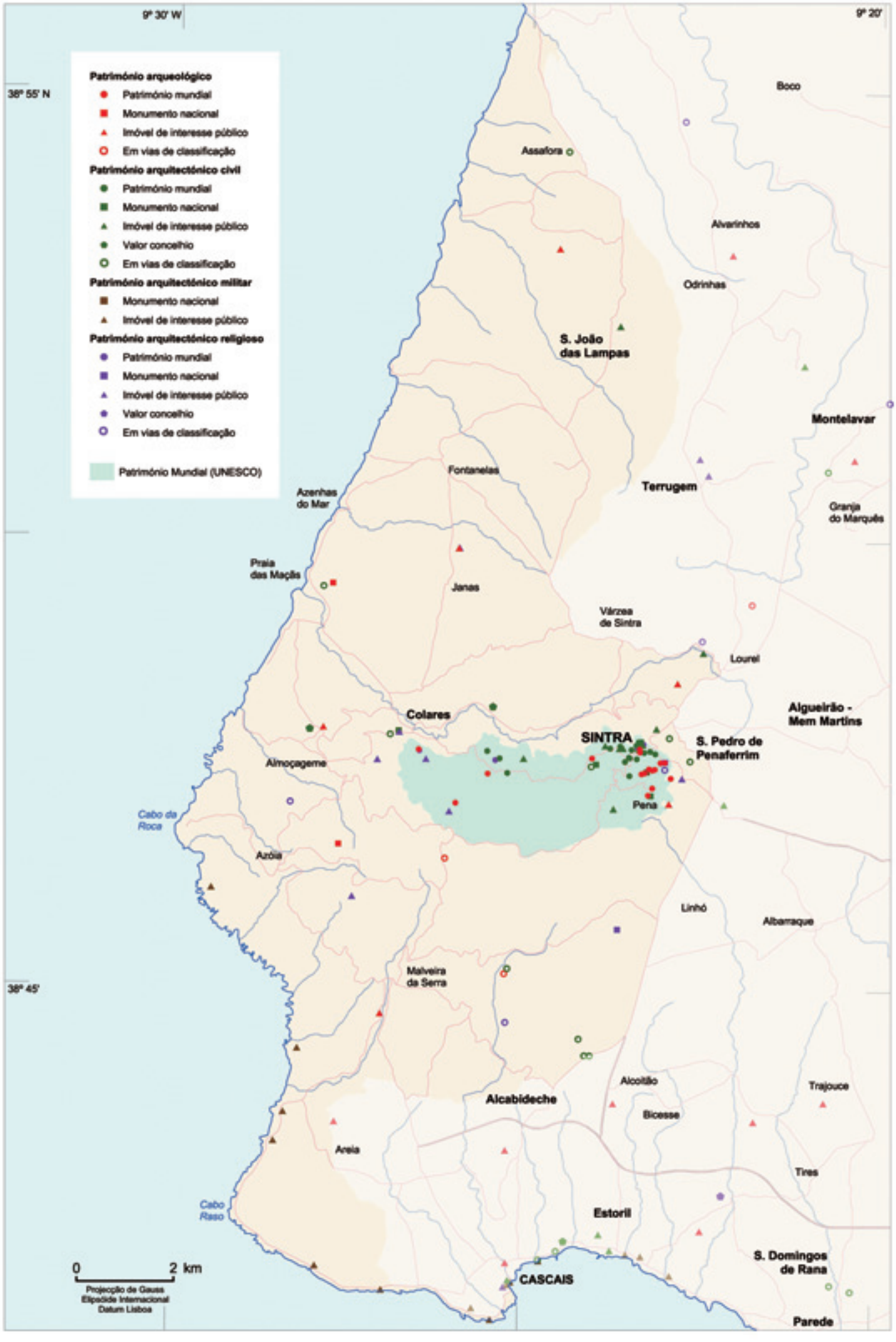
Convento dos Capuchos

Os casais saloios, moinhos e azenhas são dos elementos mais significativos da arquitectura popular, reflectindo uma estrutura social, suportada por uma economia rural, marcada fundamentalmente pela subsistência. Descrevem-se a seguir exemplos elucidativos das diversas tipologias arquitectónicas que encontramos no Parque Natural de Sintra - Cascais.
O casal saloio é um conjunto construído, simples e rural, com valência agrícola. Localizado fora dos aglomerados urbanos, é constituído por uma unidade principal destinada à habitação, geralmente de dois pisos, e anexos para a lavoura, (estábulos, currais, adegas, forno e lagar).
De origem oriental, os moinhos de vento existentes nesta zona e em toda a Estremadura, classificam-se tecnologicamente em moinhos de vento de torre fixa e



Moinho recuperado de S. João das Lampas

tejadilho rotativo com sistema de tracção por meio de sarilho interior. As azenhas, sistemas de moagem accionados pela força da água, designam-se por azenhas copeiras de roda vertical com propulsão superior à frente. Tal como os moinhos, foram progressivamente desactivadas e estiveram ao abandono. Actualmente, a grande maioria está transformada em habitações de carácter permanente ou periódico, ainda que subsistam moinhos abandonados. Mantém-se em funcionamento o moinho recuperado pelo PNSC em S. João das Lampas.
A arquitectura religiosa é uma forma de manifestação cultural e artística, tenha ela uma expressão erudita ou popular, que de certa forma caracteriza e identifica uma região no que tem


9º 30' W
9º 20'
38º 55' N
38º 45'
Património arqueológico
Património mundial
Monumento nacional
Imóvel de interesse público
Em vias de classificação
Património arquitectónico civil
Património mundial
Monumento nacional
Imóvel de interesse público
Valor concelhio
Em vias de classificação
Património arquitectónico militar
Monumento nacional
Imóvel de interesse público
Património arquitectónico religioso
Património mundial
Monumento nacional
Imóvel de interesse público
Valor concelhio
Em vias de classificação
Património Mundial (UNESCO)
Boco
Assafora
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
Montelavar
Fontanelas
Terrugem
Azenhas do Mar
Granja do Marquês
Praia das Maçãs
Janas
Várzea de Sintra
Lourel
Colares
Algueirão - Mem Martins
SINTRA
S. Pedro de Penaferrim
Almoçageme
Pena
Cabo da Roca
Azóia
Linhó
Albarraque
Malveira da Serra
Alcoitão
Trajouce
Alcabideche
Bicesse
Areia
Tires
Cabo Raso
Estoril
S. Domingos de Rana
CASCAIS
Parede
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa

de mais simbólico, se considerarmos as lendas que se associam aos locais, às festas e aos cultos. De acrescentar que as capelas e ermidas existentes no concelho de Cascais estão relacionadas com as edificações militares de defesa que pontuam o litoral desde Lisboa.



Palácio da Pena

As quintas, parques e palácios existentes estão intimamente ligados a espaços e tempos de ócio da nobreza, a intensas vivências culturais e artísticas, que encontraram maior relevo no século XIX. Destes destacam-se:

O Parque da Pena, de características marcadamente românticas, foi construído por ordem do Rei D. Fernando II (1816-1885). Recusando a rigidez formal dos jardins clássicos e considerando o acidentado do relevo, a fertilidade do solo, a singularidade climática da serra e o carácter dos horizontes, o parque foi planeado de modo a se aparentar com uma ideia de naturalidade quase perfeita.

Projectou lagos ligados entre si por cascatas e importou, para as florestas e matas que imaginou, plantas de espécies representativas de vários pontos do mundo, a par de exemplares portugueses, num total de mais de duas mil espécies. Para além do palácio, no Parque da Pena encontramos ainda pavilhões, fontes e bicas, pequenos recantos e miradouros.



Castelo dos Mouros

O Parque de Monserrate deve o seu nome à suposta construção na Quinta da Boa Vista de uma pequena capela votiva a Nossa Senhora de Monserrate, réplica da imagem em madeira de uma Nossa Senhora negra, venerada no Eremitério Beneditino de Monserrat, na Catalunha, em Espanha.

Em 1856, Monserrate é adquirida pelo inglês Francis Cook, que transforma a quinta num dos principais jardins exóticos da era vitoriana. Cria cenários contrastantes, que se sucedem ao longo de caminhos sinuosos, por entre grutas, ruínas, recantos, cascatas e lagos.

Assim, e contando sempre com a presença das espécies da flora espontâneas em Portugal (medronheiros, azevinhos, sobreiros, entre outros), organiza o jardim com colecções de plantas de espécies oriundas dos cinco continentes.



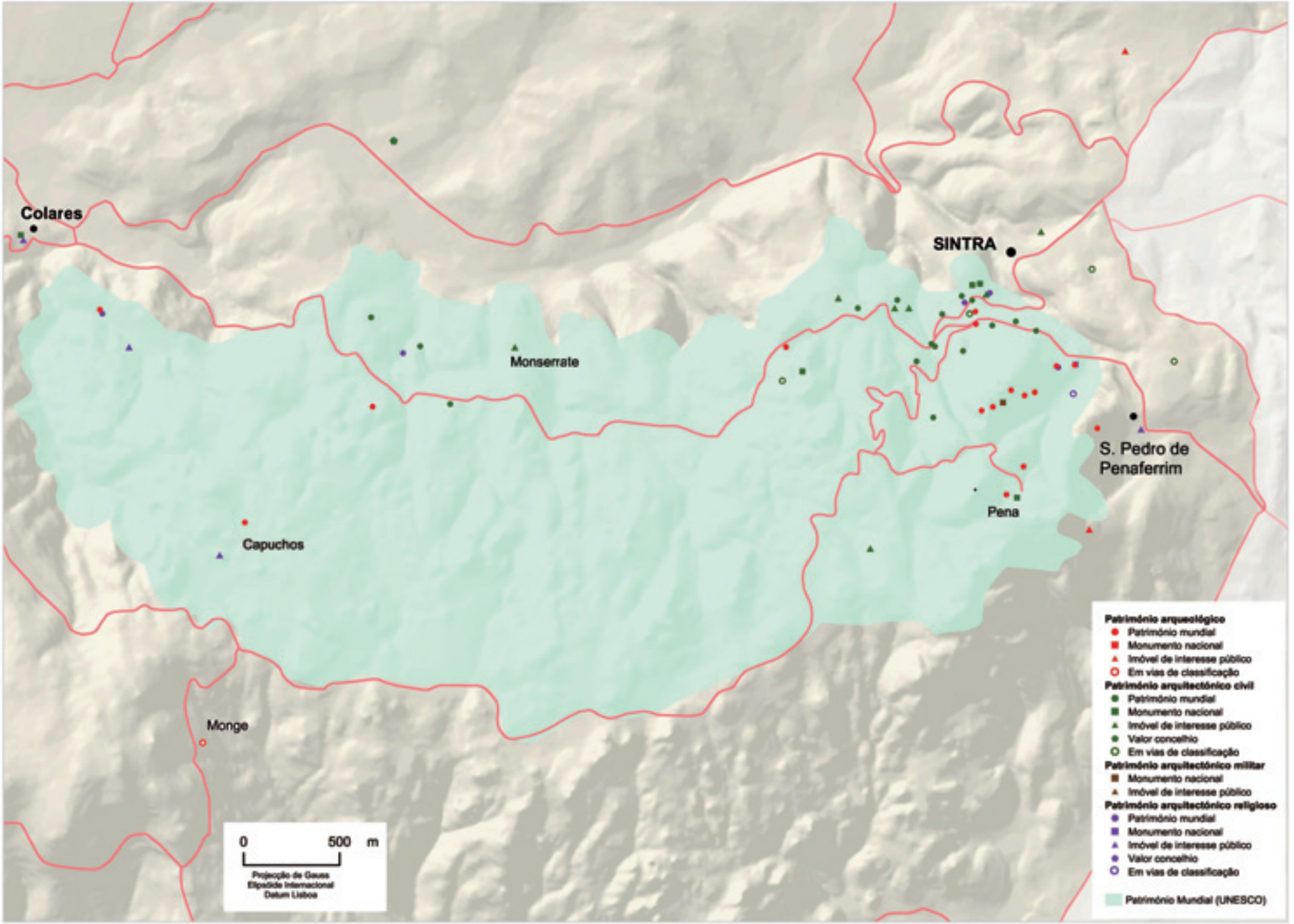
Parque de Monserrate

Monserrate foi propriedade da família Cook até 1947, altura em que é comprada pelo Estado português. Em 1978 é classificado como Imóvel de Interesse Público.

Após a Restauração, foi delineada uma estratégia defensiva da barra do Tejo. Ao longo da costa, desde a ponta do Espinhaço até Lisboa, foram construídas pequenas fortificações que cruzavam fogo entre si, defendendo os areais, possíveis focos de desembarques das armadas inimigas.

No concelho de Sintra sentimos a presença marcante do Castelo dos Mouros. Recuperado no século XIX por D. Fernando, segundo os cânones do Romantismo, é uma construção muçulmana, provavelmente do século VIII ou IX. Dentro do perímetro das muralhas encontra-se uma cisterna do século XIII.

A UNESCO incluiu, a 6 de Dezembro de 1995, Sintra na Lista de Sítios do Património Mundial, com a categoria de Paisagem Cultural, o que veio reforçar a importância desta região no contexto internacional.


Colares
SINTRA
Monserrate
S. Pedro de Penaferrim
Pena
Capuchos
Monge
0
500 m
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa
Património arqueológico
Património mundial
Monumento nacional
Imóvel de interesse público
Em vias de classificação
Património arquitectónico civil
Património mundial
Monumento nacional
Imóvel de interesse público
Valor concelhio
Em vias de classificação
Património arquitectónico militar
Monumento nacional
Imóvel de interesse público
Património arquitectónico religioso
Património mundial
Monumento nacional
Imóvel de interesse público
Valor concelhio
Em vias de classificação
Património Mundial (UNESCO)

Turismo

Localizada na região de Lisboa e vale do Tejo, com uma acessibilidade privilegiada, aprazível, desde os amplos panoramas da Serra até ao litoral de imponente beleza, os valores históricos e paisagísticos, alguns considerados como património mundial, o reconhecimento de valores como a qualidade de vida e a qualidade ambiental, são alguns dos factores que atraem a população e fazem coincidir as existências de destino turístico e de turismo residencial, em particular de segundas residências.



Vila de Sintra

A pressão urbanística, o abandono dos sistemas tradicionais ou uma deficiente manutenção de alguns sistemas levam à homogenização da paisagem e consequente perda de identidade. Embora o ordenamento deste espaço tenha desacelerado a expansão por usos urbanos é consensual que os espaços naturais precisam de ser protegidos de cargas e de pressões urbanísticas e humanas. De uma conjuntura caracterizada por posições adversárias entre conservação da natureza e turismo evolui-se para um enquadramento em que cada uma destas áreas se considera um parceiro estratégico.

O turismo, eleito como um dos eixos centrais do modelo de desenvolvimento do país, apresenta como opções estratégicas: dinamizar o desenvolvimento de novas áreas de aptidão e vocação turística; definir e concretizar modelos sustentáveis de desenvolvimento de produtos de elevado potencial de crescimento da procura; promover a utilização mais racional, cuidada e sustentável dos recursos naturais, dos espaços do património histórico e arquitectónico e das infra-estruturas e equipamentos.

Consideram-se como principais linhas de força que formalizam as opções de regular as iniciativas de oferta turística no PNSC:

- Cooperação público privado em acções de conservação da natureza;
- Concepção de desenvolvimento de produtos de turismo de natureza que integrem o conceito de turismo sustentável;
- Promoção do património local e da valorização paisagística;
- Implementação de soluções técnicas ambientalmente positivas;
- Planeamento e controlo dos custos ambientais.

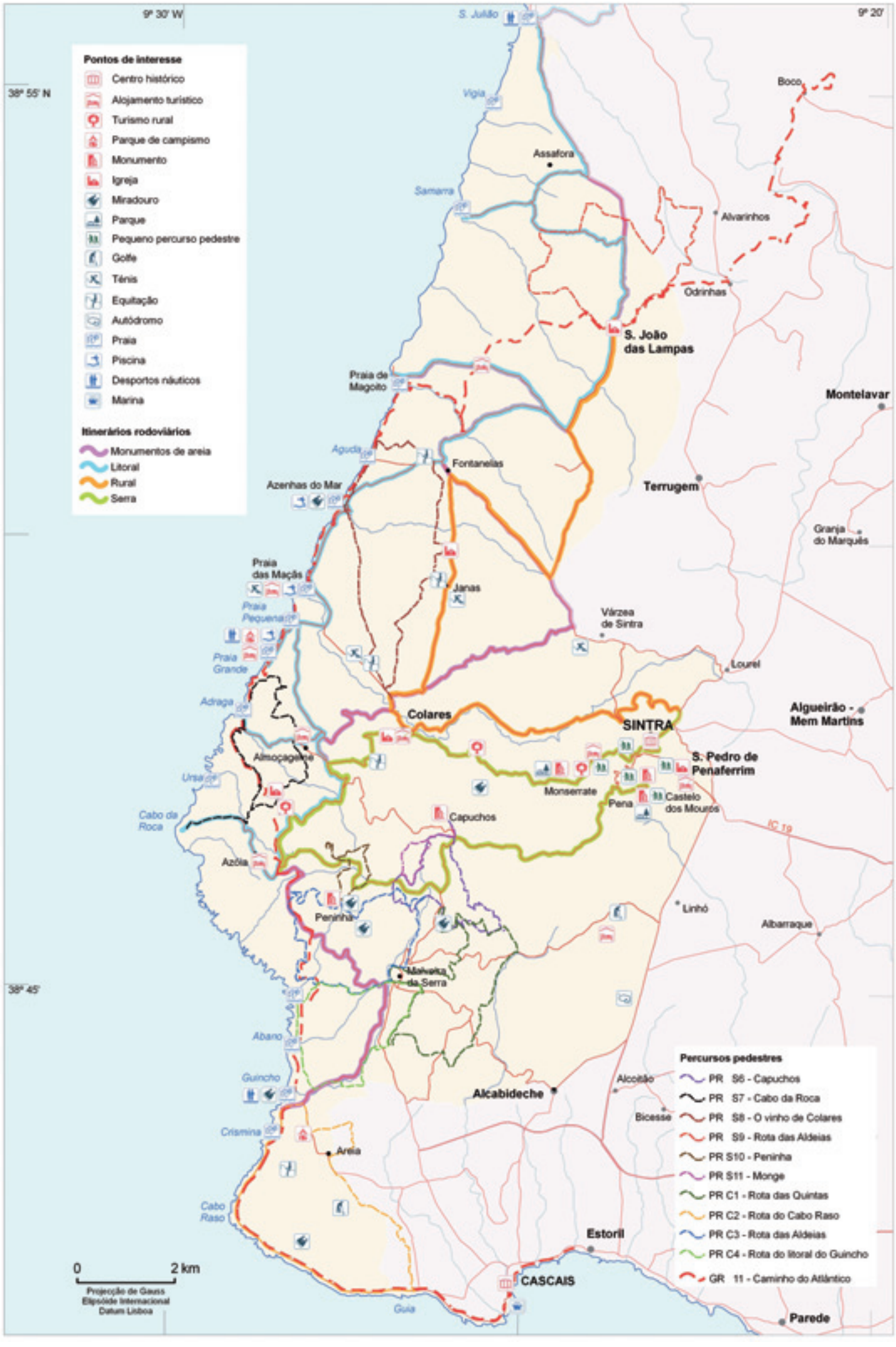
Será responsabilidade do PNSC garantir a melhor integração da actividade turística no ambiente natural, cultural, económico e social. Os compromissos desejáveis incluem:

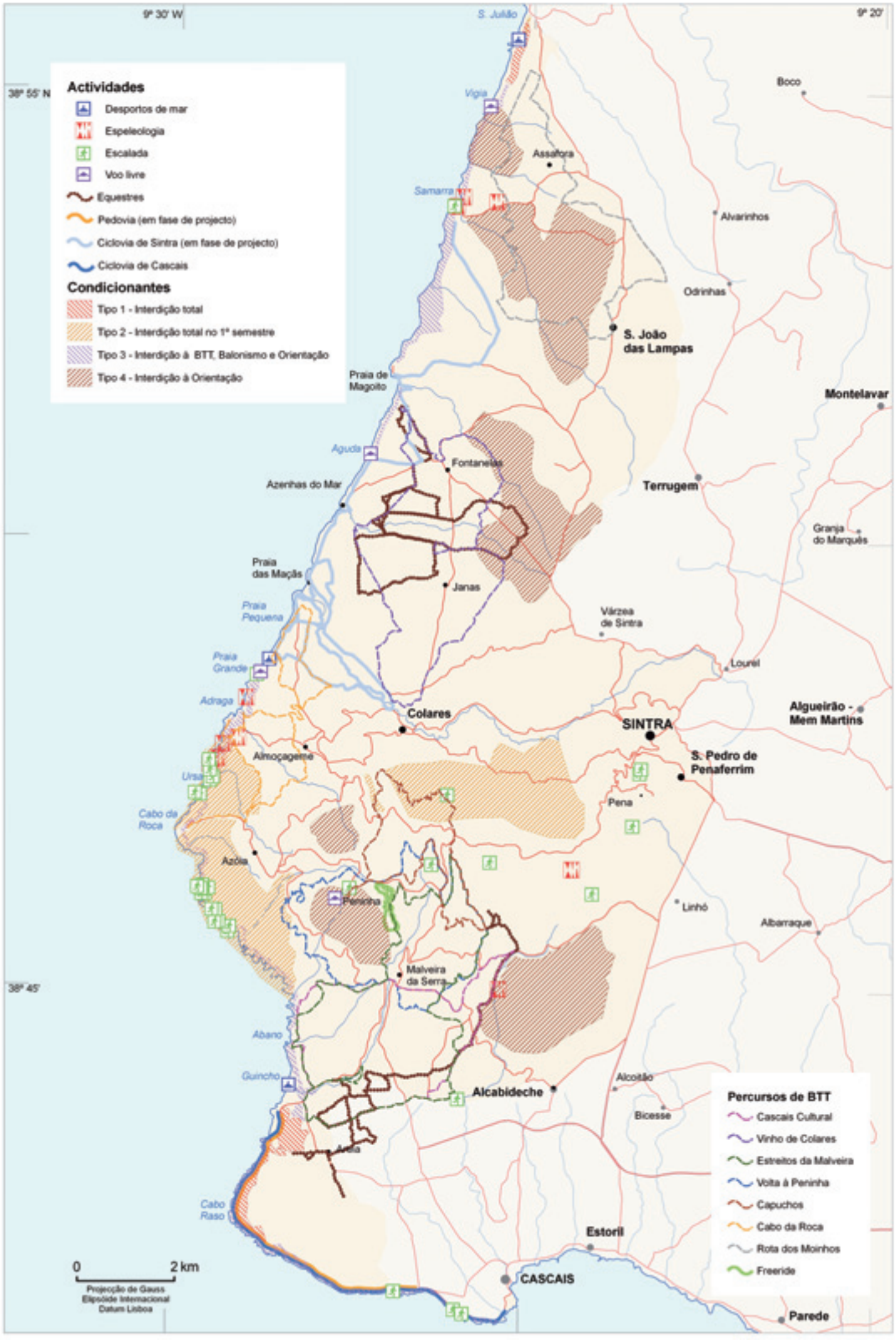
- Aumento da qualidade da oferta turística;
- Criação de uma oferta turística específica, valorizando os recursos estratégicos do PNSC e a classificação da UNESCO Sintra Património Mundial - Paisagem Cultural no desenvolvimento da oferta específica "Turismo-Natureza PNSC";
- Sensibilização do público, contribuindo o PNSC para a elaboração dos conteúdos pedagógicos a serem desenvolvidos, e assegurando a disponibilização de material informativo destinado aos turistas. As acções de promoção das empresas turísticas deverão contribuir para a sensibilização dos visitantes e atender aos princípios de desenvolvimento sustentável;
- Formação dos agentes turísticos;
- Protecção e valorização do património natural, cultural e histórico; acompanhamento dos projectos a desenvolver e executar em troços do litoral que conciliarão a protecção e valorização do património com os usos recreativos e turísticos;
- Gestão e integração dos equipamentos turísticos, garantindo a qualidade e integração;
- Desenvolvimento económico e social, sendo dada preferência aos produtos e serviços locais, com especial destaque para os produtos de agricultura biológica e produtos tradicionais locais;



Baía de Cascais

- Análise de fluxos de visitantes e sua canalização em colaboração com as empresas, bem como da mobilidade e transportes em parceria com as Autarquias. O PNSC desenvolverá e disponibilizará informação sobre o ordenamento das actividades de animação turística e ambiental na Carta de Desporto Natureza e Ordenamento das Actividades de Ar Livre e respectivo regulamento;
- Adequação das áreas preferenciais para turismo e recreio ao novo plano de ordenamento;
- Desenvolvimento de projectos e critérios de valorização que deverão ter em conta a promoção de benefícios para as comunidades residentes, para o ambiente e para a valorização do património arquitectónico.


9º 30' W
9º 20'
38º 55' N
38º 45'
Pontos de interesse
Centro histórico
Alojamento turístico
Turismo rural
Parque de campismo
Monumento
Igreja
Miradouro
Parque
Pequeno percurso pedestre
Golfe
Ténis
Equitação
Autódromo
Praia
Piscina
Desportos náuticos
Marina
Itinerários rodoviários
Monumentos de areia
Litoral
Rural
Serra
S. Julião
Vigia
Assafora
Samarra
Boco
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
Montelavar
Praia de Magoito
Aguda
Fontanelas
Azenhas do Mar
Terrugem
Granja do Marquês
Praia das Maçãs
Janas
Praia Pequena
Praia Grande
Várzea de Sintra
Lourel
Adraga
Colares
SINTRA
Algueirão - Mem Martins
Almoçageme
S. Pedro de Penaferrim
Monserrate
Pena
Castelo dos Mouros
Cabo da Roca
Capuchos
IC 19
Azóia
Peninha
Linhó
Albarraque
Malveira da Serra
Abano
Guincho
Alcabideche
Alcoitão
Bicesse
Crismina
Areia
Cabo Raso
Estoril
CASCAIS
Guia
Parede
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa
Percursos pedestres
PR S6 - Capuchos
PR S7 - Cabo da Roca
PR S8 - O vinho de Colares
PR S9 - Rota das Aldeias
PR S10 - Peninha
PR S11 - Monge
PR C1 - Rota das Quintas
PR C2 - Rota do Cabo Raso
PR C3 - Rota das Aldeias
PR C4 - Rota do litoral do Guincho
GR 11 - Caminho do Atlântico


9º 30' W
9º 20'
38º 55' N
38º 45'
S. Julião
Vigia
Samarra
Assafora
Boco
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
Montelavar
Praia de Magoito
Aguda
Fontanelas
Azenhas do Mar
Terrugem
Granja do Marquês
Praia das Maçãs
Janas
Praia Pequena
Várzea de Sintra
Praia Grande
Adraga
Colares
Lourel
Algueirão - Mem Martins
SINTRA
S. Pedro de Penaferrim
Almoçageme
Ursa
Pena
Cabo da Roca
Azóia
Peninha
Linhó
Albarraque
Malveira da Serra
Abano
Guincho
Alcabideche
Alcoitão
Bicesse
Cabo Raso
Estoril
CASCAIS
Parede
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa
Actividades
Desportos de mar
Espeleologia
Escalada
Voo livre
Equestres
Pedovia (em fase de projecto)
Ciclovia de Sintra (em fase de projecto)
Ciclovia de Cascais
Condicionantes
Tipo 1 - Interdição total
Tipo 2 - Interdição total no 1º semestre
Tipo 3 - Interdição à BTT, Balonismo e Orientação
Tipo 4 - Interdição à Orientação
Percursos de BTT
Cascais Cultural
Vinho de Colares
Estreitos da Malveira
Volta à Peninha
Capuchos
Cabo da Roca
Rota dos Moinhos
Freeride

O PNSC Visto do Céu

Aproveitando os avanços da aviação, a fotografia aérea foi desenvolvida nos anos 30, pela Alemanha, para fins militares, uma vez terminada a 2ª guerra mundial, a fotografia aérea vertical, passa para o domínio da comunidade científica, constituindo uma importante fonte para a elaboração de cartografia temática, área onde tem vindo a ser utilizada desde meados do século XX, beneficiando de todos os avanços técnicos verificados até aos nossos dias.

Os ortofotomapas são representações cartográficas construídas a partir de fotografias áreas a que foi aplicado um processo de transformação geométrica de modo a reduzir as deformações de perspectiva.

Outra das grandes vantagens dos ortofotomapas, é a de representarem o território de uma forma menos abstracta que os tradicionais mapas topográficos, pois a sua leitura faz-se de uma forma quase directa, sem necessidade de utilização de um grande número de símbolos.





A principal desvantagem é talvez o facto de na maior parte das vezes se perderem pormenores, não visíveis na fotografia aérea, mas que podem ser representados nos mapas, através da implantação de símbolos com dimensão superior ao fenómeno verificado.

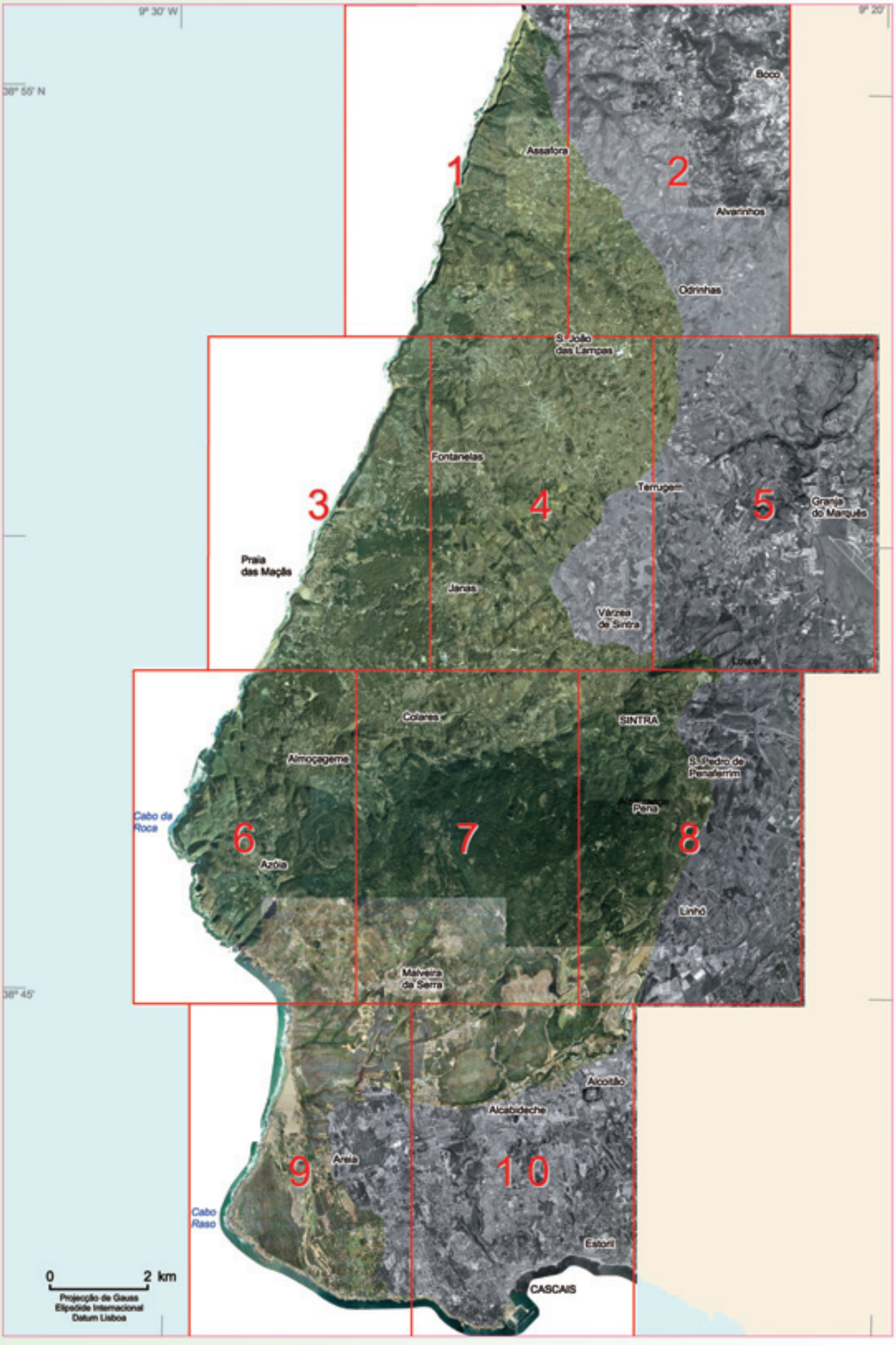
É assim um erro pensar que os ortofotomapas podem substituir com êxito os mapas topográficos de grande escala, são produtos que devem ser vistos como complementares, pois a utilização conjunta, elimina alguns problemas de leitura e melhora consideravelmente a apreensão da realidade de um território.

O conjunto de ortofotomapas apresentados neste Atlas, datam do ano 2002, e apesar de a sua definição ter sido reduzida em relação aos originais, mantém um boa qualidade, permitindo a visualização e descoberta de alguns pormenores que atendendo às características do território em estudo se torna num exercício aliciante.

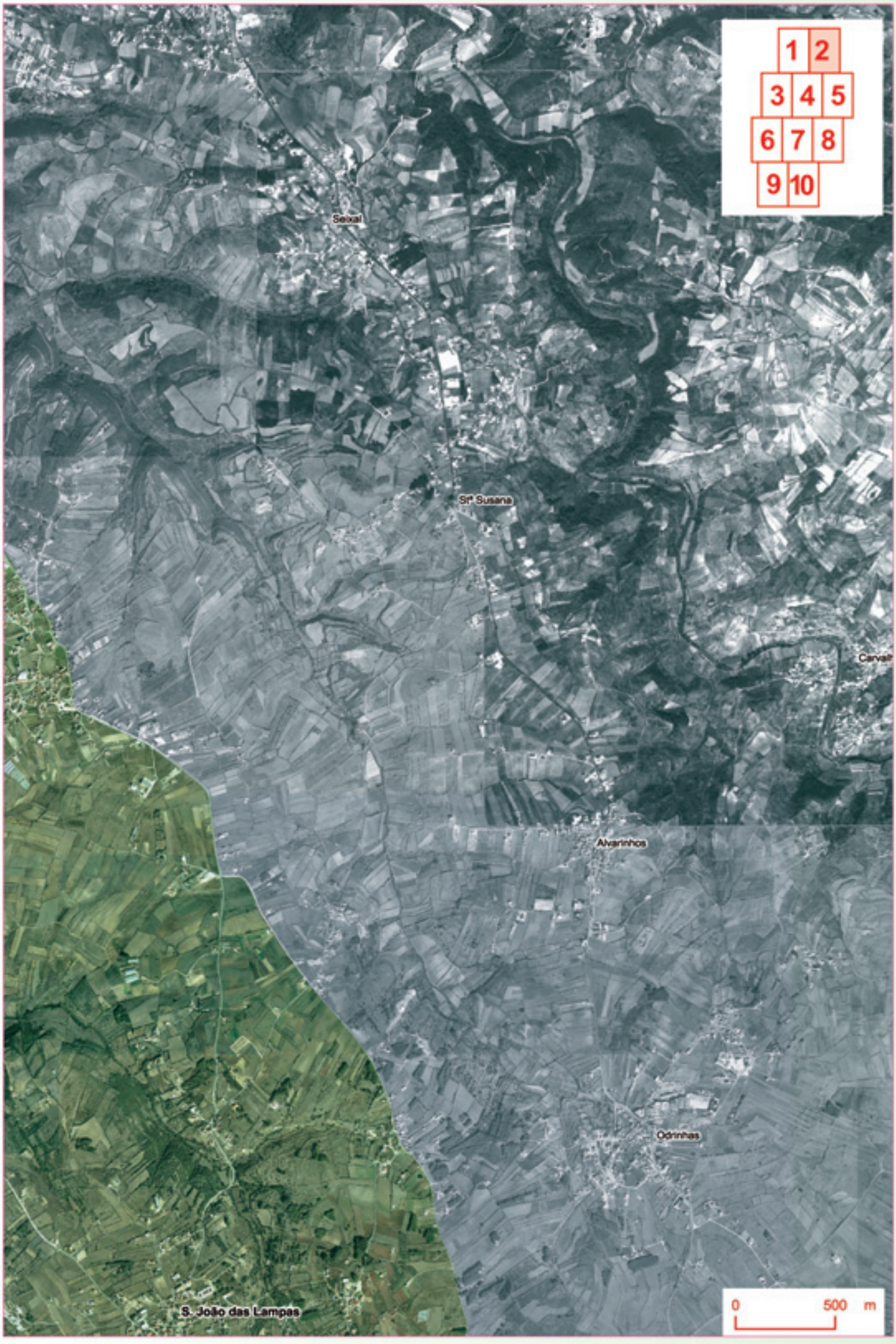
De forma a destacar a área do PNSC em relação à sua envolvente, a área limítrofe é apresentada com a mesma resolução mas em tons de cinzento.

O PNSC é sob os mais diversos pontos de vista, uma área extraordinária, a sua diversidade geológica, a natureza exuberante e sempre surpreendente, as suas lendas e histórias e a riqueza do seu património cultural, fazem dela um lugar aonde apetece estar.

Conhecer é importante para que se possa gostar e para que se desenvolva uma atitude responsável de preservação dos valores em presença, os espaços naturais podem e devem ser usufruídos, desde que isso seja realizado de uma forma sustentável, que não ponha em causa a sua manutenção, para que no futuro muitos outros se possam apaixonar e desfrutar plenamente deste espaço maravilhoso.


9° 30' W
9° 20'
38° 55' N
38° 45'
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
Assafora
Bico
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
Fontanelas
Terrugem
Granja do Marquês
Praia das Maçãs
Janas
Várzea de Sintra
Louriel
Colares
SINTRA
Almoçageme
S. Pedro de Penaferrim
Cabo da Roca
Pena
Azóia
Linhó
Malveira da Serra
Alcoitão
Alcabideche
Areia
Cabo Raso
Estoril
CASCAIS
0
2 km
Projecção de Gauss
Elipsóide Internacional
Datum Lisboa


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
S. Julião
Vigia
Assafora
Samarra
0
500
m


1 2
3 4 5
6 7 8
9 10
Sexal
Stª Susana
Alvarinhos
Odrinhas
S. João das Lampas
0
500 m


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
Magoito
Aguda
Azenhas do Mar
Praia das Maçãs
Praia Pequena
Praia Grande
0
500
m


Magoito
Ameiro dos Marinheiros
Pernigem
Fontanelas
Gouveia
Janas
Nafarros
Várzea de Sintra
1 2
3 4 5
6 7 8
9 10
0 500 m


1 2
3 4 5
6 7 8
9 10
Cabreia
Godigana
Alcombral
Terrugem
Vila Verde
Cabriz
0
500 m


1 2
3 4 5
6 7 8
9 10
Adraga
Almoçageme
Ursa
Cabo da Roca
Azoia
Peninha
0
500 m


1 2
3 4 5
6 7 8
9 10
Mucifal
Colares
Monserrate
Monge
Pedra Amarela
Malveira da Serra
0
500 m


1 2
3 4 5
6 7 8
9 10
Ribeira de Sintra
Portela de Sintra
SINTRA
S. Pedro de Penaferrim
Chão de Meninos
Pena
Ranholas
Abrunheira
Lagoa Azul
Linhó
Manique de Cima
0
500 m


1 2
3 4 5
6 7 8
9 10
Abano
Guincho
Areia
Cabo Raso
Marinha
0
500 m


Zambujeiro
Murches
Alcabideche
Alcoitão
Alvide
Fontainhas
Monte Estoril
Estoril
CASCAIS
0
500 m
1 2
3 4 5
6 7 8
9 10

Referências Bibliográficas

-ALCOFORADO, M. J. **Os ventos dominantes em torno da Serra de Sintra: a deformação das árvores**. Lisboa: INIC: Centro de Estudos Geográficos, 1984. p. 69. Relatório

-ALMEIDA, N. F. [et al] **Anfíbios e Répteis de Portugal**. Porto: FAPAS, 2001. p. 249

-ANDERSON, P. S., coord. - **Princípios de Cartografia Básica**. Brasília: Ed. Paul Anderson, 1982.

-BIRKMANN, R. **Geologia geral**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964. 580 p.

-BUTTENFIELD, B.P, MCMASTER R.B., (ed.) **Map generalization: making rules for knowledge representation**. New York: Longman Scientific & Tecnical, 1994.

-CALDEIRA CABRAL, F. **Fundamentos da Arquitectura Paisagista**. Lisboa: ICN, 1993.

-CARDIM RIBEIRO, J., coord. **Sintra: Património da Humanidade**. Sintra: Câmara Municipal de Sintra, 1998.

-CORREIA, C.P. **Portugal animal**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2000. p. 260.

-COSTA, J. B. **Estudo e classificação das rochas por exame macroscópico**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1950. 184 pp.

-COSTA, J. C. [et al] Biogeografia de Portugal Continental. **Quercetea**. 1998.0: 5-56.

-COSTA, J. C. [et al] **Vegetação da Serra de Sintra: guia Geobotânico da excursão das XIII Jornadas de Fitossociologia**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1993. p. 98.

-DAVEAU, S. **O ambiente geográfico natural**. 3ª.ed. Lisboa: João Sá da Costa, 1996.

-DIRECÇÃO GERAL DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO **Carta Europeia do desenvolvimento do território**. Lisboa: DGOT, 1988.

-DIAS, M. H., coord. - **Os Mapas em Portugal: da tradição aos novos rumos da cartografia**. Lisboa: Edições Cosmos, 1995. p. 344.

-DIRECTIVA HABITATS ANEXO I **Tipos de habitats naturais de interesse comunitário cuja conservação exige a designação de zonas especiais de conservação**. 1992. Disponível em: http://europa.eu.int/comm/environment/nature/hab-an1pt.htm

-FARINHA, J.C., (coord.) **Percursos, paisagens & habitats de Portugal**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000. p. 408.

-FONSECA, J. P. **Aves do Parque Natural de Sintra - Cascais**. Sintra: ICN, 1997.

-FONSECA, J.P & POÇAS, M.C. **Distribuição geográfica e estatuto dos vertebrados terrestres do Parque Natural de Sintra - Cascais**. 1994. Relatório.

-GASPAR, J.A. - **Cartas e projecções cartográficas**. Lisboa: Lidel Edições Técnicas, 2001. p. 273.

-GASPAR, J.A. **Dicionário de Ciências Cartográficas**. Lisboa: Lidel Edições Técnicas, 2004. p. 327.

-INSTITUTO DA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA **Plano de Ordenamento da Orla Costeira entre Sintra e o Sado** 1ª Fase Estudos de base 1º Relatório. Sintra: ICN, 1998. p. 262.

-INSTITUTO de HIDRÁULICA ENGENHARIA RURAL e AMBIENTE **Nota explicativa da Carta de Solos e da Carta de Capacidade de Uso do Solo.** Lisboa: Direcção de Serviços dos Recursos Naturais e Aproveitamentos Hidroagrícolas, 1999.

-JULIÃO, R. P., coord. **Atlas de Lisboa e Vale do Tejo**. Lisboa, 1998.

-LOPES, A. [et al] **Flora de Portugal Peninha: Serra de Sintra**. Sintra: ICN, 1994. p. 10.

-MINISTÉRIO DO AMBIENTE E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO **Vocabulário do Ordenamento do**

Território. Colecção Informação, 5. Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, MAOT, 2000.
-MARCELINO, M., ALVES, J., MONJARDINO J. **Mapa da flora do PNSC**. Sintra: ICN, 1999.
-MARCELINO, M., FONSECA, J. P. **Mapa da fauna do PNSC**. Sintra: ICN, 2002.
-MARQUES, C. [et al] **A comunidade de mamíferos do Parque Natural de Sintra - Cascais**. Sintra: ICN, 1995.
-MATOS, J.L. - **Fundamentos de Informação Geográfica**. Lisboa: Lidel Edições Técnicas, 2001, 273 pp.
-PINTO DA SILVA, [et al] **A flora da Serra de Sintra**. Lisboa: Laboratório e Jardim Botânico da Universidade de Lisboa, 1991. 248 p.
-PARQUE NATURAL DE SINTRA - CASCAIS - **Carta de desporto de natureza**. 2005. Relatório.
-PARQUE NATURAL SINTRA - CASCAIS **Plano de Ordenamento do Parque Natural de Sintra - -Cascais**. Sintra:
ICN, Ministério das Cidades Ordenamento do Território e Ambiente, 2003. p. 388. Relatório.
-PARQUE NATURAL SINTRA - CASCAIS - **Textos dos painéis de sinalização**. Sintra: ICN, 2003.
-POÇAS, M.C. **Avifauna do Parque Natural de Sintra - Cascais: delimitação de áreas prioritárias para a sua conservação**. Sintra: ICN, 1994. Relatório.
-REBELO, L.P. **Dinâmica do Sistema dunar do Guincho-Oitavos**. Actas do V Congresso Nacional de Geologia, Lisboa. Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro, Tomo 84, Fascículo 1, C83-C84. 1988. Cit in REBÊLO (2002).
-REIS, E **Aplicação dos Sistemas de Informação Geográfica na Análise Morfométrica das Bacias Hidrográficas**. Lisboa: IST, 1996. Dissertação de Mestrado.
-RIBEIRO, M. L. & Ramalho, M. M. **Notícia explicativa da carta geológica simplificada**. Sintra: ICN, 1997. p. 46.
-RIBEIRO, O. **Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico**. Colecção "Nova Universidade". Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1998.
-RIBEIRO, O. **La Morphologie de la region de Sintra et Cascais**, [s.l.]: [s.n.] [s.d.].
-ROBINSON A.H. [et al] - **Elements of Cartography**. 6th ed. New York: Jonh Wiley & Sons Inc, 1995.
-RUFINO, R., coord. **Atlas das Aves que nidificam em Portugal Continental**. Lisboa: Secretaria de Estado do ambiente e dos Recursos Naturais. Centro de Estudos de Migrações e Protecção das Aves, 1989.
-SMALL, J., WITHERICK, M. **Dicionário de Geografia**, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992. p. 273.
-SERVIÇO NACIONAL DE PARQUES, RESERVAS E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
Plano de Macrozonamento da Área de Paisagem Protegida de Sintra - Cascais. Lisboa: SNPRCN, Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, Ministério do Planeamento e da Administração do Território, 1989.
-STRAHLER, A N., STRAHLER, A.H. **Modern Physical Geography**. 4ª ed. N. Iorque: J. Wiley, 1992
-TEIXEIRA, C. [et al] **O Maciço eruptivo da Serra de Sintra**. 1981
-TENEDÓRIO, J. A., coord. **Atlas da Área Metropolitana de Lisboa**. Lisboa: AML, 2003. p. 321.
-UNESCO **Relatório da 19ª sessão do Comité Mundial do Património (World Heritage Comettee)**. Berlim: UNESCO, 1996.

